

#### 464.1. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 1, 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 464.1.1. MITOS DA LUSOFONIA

*Apreendi a coabitar com lusofalantes, dos Orientes exóticos em Timor “Que o Sol em nascendo vê primeiro” que mitos salazarentos criaram, aos levantes menos excêntricos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu. Pugno pelos filhos que falam português qualquer que seja o país em que nasceram. Encontrei na Austrália mais estrangeiros interessados em apoiar a preservação da língua portuguesa do que nativos. Criamos mundos e redescobrimos outros, sem identificar a mesquinhez desta maneira de ser que nos faz sentir, simultaneamente, grandes e pequenos, talvez maiores ou menores do que somos. Agora que o desafio do séc. XXI nos confronta, maior que um Adamastor, importa afirmar o que imodestamente nunca fizemos, nem quando o Português era a língua franca do comércio do mundo. Precisamos de manter viva a língua e precisamos de todos, que forem capazes por artes e engenhos, de assumir iniciativas arrojadas: sem ser em busca de louvaminhas, vã glória e fama fugaz. É preciso gente dedicada. Não precisamos de iniciativas arrojadas, mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: seminários, Colóquios, capazes de captar ouvintes e leitores com a língua que queremos nossa. Mesmo que sejam políticos bem-intencionados, não queremos as vãs e bem-sonantes palavras eleitoralistas que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas. Língua é cultura, não tem preço. Queremos uma política da língua, que permita a divulgação ampla para manter a independência política, cultural e linguística. Só assim manteremos acesa a chama com que falamos dos Algarves D’el-rei que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timor de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, a Goa, Malaca, e Macau de que só nos lembramos quando queremos ser beneficiários da herança portuguesa. A essência é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como. (in Mitos da Lusofonia Revista Agália 2002)*

##### 464.1.2. CIDADANIA DA LÍNGUA PORTUGUESA. LUSOFONIA AGONIA, 2002

*Surgiu há anos uma proposta do Embaixador José Augusto Seabra para a criação da Cidadania da Língua Portuguesa que contém os germes do sucesso inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras num país de tradicionalismos avessos a mudanças. Para quê, esta cidadania? Para que os lusofalantes, independentemente de outros idiomas que comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e universal. Quem são, o que fazem, o que pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe. Será que as línguas crioulas ou Pidgin e as indígenas se sobrepõem às outras? Porque o ensino do português é oficial quererá isso implicar que suplanta as línguas nativas? Quando seremos capazes de admitir que a língua a que chamamos nossa só pode sobreviver se enriquecida por outras? Dura lição. Se não aceitarmos a realidade multilíngue das comunidades lusófonas, poderemos ter uma língua com o futuro do esperanto. Estas são as perguntas que aqui se põem e que alguém – que não eu – terá de responder. São fundamentais para a sobrevivência da Língua Portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem. (in Lusofonia Agonia 1, Revista ELO online 2002-11-15)*

##### 464.1.3. MITOS DA LUSOFONIA 2 OUT.º 2003,

*Na abertura do 2º Colóquio (outº 2003 Bragança), tentei alertar contra os fundamentalistas que preservam a visão estática da língua e se opõem a inovações e alterações. Por outro lado, existem movimentos ativos que podem levar a que a variante Brasileira se emancipe. A verificar-se (será uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a europeia estará condenada. Dez milhões (e Galiza) não são suficientes para fazer frente a uma língua autónoma com 200 milhões. É preciso que se entenda, que não somos donos da língua ou do Português puro. Os tempos não estão para purezas ou puritanismos, todos falam Português, diferente de Norte a Sul, de Leste a Oeste. A uniformização linguística, a redução ao mesmo denominador comum é castrante, inibe e retrai a natural expansão e o conceito mais abrangente da Lusofonia que professamos. São lusofalantes os que têm o Português como língua-mãe, de trabalho ou de estudo, vivam onde viverem, nacionais ou não dum país lusófono. É a Lusofonia que defendo para que a Língua sobreviva sem se fragmentar em variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se as aceitarmos sem discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos EUA, às Bermudas e à Índia. Jornal Primeiro de Janeiro, FEV.º 2006*

##### 464.1.4. XIMENES BELO, 2005, 4º COLÓQUIO, REVISTA AGÁLIA 2005

*Ximenes Belo pediu em Bragança um maior investimento de Portugal no ensino da língua aos timorenses. Para o Prémio Nobel da Paz 1996, o futuro do português, que os timorenses adotaram como língua oficial, depende dos dois governos, porque “há, naturalmente, vontade de aprender, de conservar, mas precisa-se de ajuda e de políticas para a manutenção da língua, é preciso investir nos timorenses, mais professores de português, mais bibliotecas” disse, no IV Colóquio da Lusofonia, onde durante dois dias se debateu a língua portuguesa em Timor-Leste. Para o antigo bispo de Dili “é preciso manter rádio, televisão e diários para que se faça entrar a língua espontaneamente na mente das pessoas.” D. Ximenes Belo recordou que os timorenses continuaram a batizar os filhos com nomes portugueses, a rezar e cantar em português, mesmo durante a proibição, entre 1975 e 1999, mas a ocupação indonésia deixou marcas. “Timor foi sempre parcela especial com ligação a Portugal e mantendo o português constituiu uma dimensão própria da pequena nação.” Mesmo com séculos de colonização portuguesa, considera que o português não é fácil para os timorenses. “Os timorenses acham mais fácil o indonésio porque não tem conjugações, não é tão complicado,” D. Ximenes Belo disse que a sua preocupação é que haja paz, tranquilidade e reconciliação em Timor e que os jovens tenham trabalho. HFT. LUSA. Transcrito de in A propósito do 4º Colóquio da Lusofonia)*

##### 464.2. REGRESSO DA MÁTRIA BRAGANÇANA, 5º COLÓQUIO, OUT. 2005

*Uma queixa frequente, designa-se custo da insularidade, passagens dos Açores para o continente e vice-versa (não havia companhias de baixo custo nem teto de 134€). Pensei se não eram propositadamente onerosas para a população não emigrar, e não ficar em minoria com as pessoas que viriam se fossem baratas (podiam gostar e transformavam isto num inferno).*

Dia 1 outº revimos a família, cortou-se o cabelo no barbeiro de há anos, e fomos no Mercedes da Presidência da Câmara para Bragança ao fim da tarde.

*No Hotel, centenas de pastas para o Colóquio. Tomámos café na Torre da Princesa, efusivamente cumprimentados pelo Presidente da Junta de Santa Maria, desconhecedor de que já ali não vivíamos. Curioso, dantes nunca se tinha mostrado efusivo, era o efeito autárquicas.*

Ao sair o telemóvel toca (desvantagens das novas tecnologias), um colega a perguntar se o Reitor da Universidade de Dili se podia juntar para jantar.

Quando saímos do restaurante Poças já eram dez. O Colóquio era sobre Timor com a presença de honra do Nobel da Paz D. Ximenes Belo, a quem servimos de mestres-de-cerimónias, dia 4 à chegada, almoço, sessões e jantar.

##### 464.3. LUSOFONIA E DIVERSIDADES CULTURAIS, NOVº 2007

Com a chegada dos patronos Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) em 2007, passamos a uma fase mais atuante, como membros da sociedade civil numa área que o poder político descarta e evita. Apraz-nos, dentro da nossa subsídio-independência, constatar o apoio de politécnicos e universidades, que premeia o esforço abnegado e dedicado duma mão cheia de pessoas que acreditaram na vitalidade dum projeto sem par alelo no âmbito da Lusofonia, noção abrangente sem distinção de credos, raças, nacionalidades ou outros fatores de distinção, permitindo congregar esforços, criando sinergias. Falta

convencer os PALOP de que não somos uma quinta coluna dum novo Império cultural, antes pelo contrário. Devemos aceitar a Lusofonia e as suas diversidades sem exclusão. (in Diário de Trás-os-Montes novembro 2007)

#### 464.4. DIAS DE MELO E DANIEL DE SÁ NO 9º COLÓQUIO, ABR 2008.

*O 9º Colóquio da Lusofonia ocorreu na Lagoa em 2008. Motivo de enorme interesse era a presença (além de outros) dos escritores Dias de Melo e Daniel de Sá, que autografaram as suas obras na sessão de abertura. Dias de Melo com 83 anos escrevia, não só sobre os baleiros que o tornaram célebre, mas sobre o basalto da sua ilha natal. Um escritor revolucionário que sente o pulsar das gentes, na sua atitude de escutar tudo e depois traduzir para livro, ele que é basalto e mar como muitas das gentes tradicionais do Pico. A sua obra continua muito olvidada.*

Iria lutar pelos que desconheciam o valor literário do que tinham. Ser-me-ia mais fácil como “estrangeiro.” Haviam passado muitos anos e luas sobre as minhas cavalgadas na crista das ondas e do mundo. Nem me lembrava como tudo começara ou porquê, se fora uma fuga premeditada ou mero acidente de percurso, que surgem quando menos se espera. Certo é que as amarras nunca tinham sido fortes à portuense terra onde o cinzento e o granito me viram nascer, num pós-guerra de incertezas. Encarregara-me de colorir a vida, com a cultura doutros e tornara-me resiliente como a pedra granítica das berças. Aqui, no solo telúrico, lanço as sementes do novo projeto. Quem sabe se não o último? Andavam todos ocupados na lufa de se manterem no poder e olvidados estavam dos autores insulares, que andava a traduzir, e trazê-los à merecida ribalta. Assim meti as mãos ao teclado e fiz o primeiro escrito sobre a literatura açoriana.

*A Universidade dos Açores passa, à margem dos escritores açorianos como quem tem vergonha dos seus filhos. Estes Encontros vi sam repor a justiça que merecem e o destaque que devem ter. Sem desmerecer as mais de 3 dezenas de apresentações, ressaltam-se as que honravam Daniel de Sá. Foi com espanto que os presentes o viram na cerimónia de autógrafos, dado ser um recluso, mas aceitou a partilhar o palco e a responder aos que falavam da sua obra.*

#### 465. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 2, 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 465.1. GENOCÍDIO LINGUÍSTICO - ABR 2008

A maioria das línguas em risco de extinção não consta de dicionários ou gramáticas. *Nettle e Romaine* afirmam “metade das línguas faladas em todo o mundo pode desaparecer.” Para tornar mais explícito o elo entre a sobrevivência linguística e os assuntos ambientais, arguem (Daniell Nettle & Suzanne Romaine, *Vanishing Voices: The Extinction of the World’s languages* Oxford University Press 2000)

A extinção linguística faz parte do colapso dos ecossistemas mundiais. As batalhas para preservar os recursos ambientais, florestas tropicais, não podem nem devem separadas da luta para manter a diversidade cultural. A causa da morte das línguas assentam na interligação entre a ecologia e a política. Existe um desconhecimento profundo sobre as línguas, desde o número e tamanho, aos nomes e locais. Metade desaparecerá até ao fim do séc. XXI. Em números concretos, a cada quinzena, morre uma língua.

##### Línguas

<b>Indonésia</b>	<b>694</b> <b>(9,5% do total)</b>
<i>Papua Nova-Guiné</i>	673
<i>Nigéria</i>	455
<i>Índia</i>	337
<i>Camarões</i>	247
<i>Austrália</i>	226
<i>Rep. Dem. Do Congo</i>	206
<i>México</i>	188
<i>China</i>	186
<i>EUA</i>	165
<i>Brasil</i>	150
<b>Vanuatu</b>	<b>104</b>

<b>Rússia</b>	<b>90</b>
<i>Angola</i>	37
<i>Moçambique</i>	35
<i>Itália</i>	30
<i>Turquia</i>	30
<i>França</i>	27
<i>Alemanha</i>	22
<i>Guiné-Bissau</i>	15
<i>Espanha</i>	13
<i>S. Tomé e Príncipe</i>	4
<i>Macau</i>	3
<i>Cabo Verde</i>	2
<b>Timor-Leste (talvez 36)</b>	<i>não consta da lista</i>

*O ano de 2008 foi o Ano Internacional dos Idiomas pela ONU. A data passou despercebida porque a extinção das línguas não se sente como a inflação, a depressão económica, um tsunami ou sismo.. A longo prazo a tendência é a extinção. Não só as línguas morrem, com elas perde-se um conjunto de hábitos culturais ancestrais. É através da linguagem que se acede à cultura de um povo, ao modo de pensar e de vida, às tradições, ao seu saber.*

A língua é uma catedral imponente, enorme esforço criativo, rica tapeçaria do conhecimento. A *Capela Sistina* ou *Mona Lisa* nunca desapareceriam sem guardar os traços dessas obras-primas. *David Crystal* chama **netspeak** à “língua da rede” Entrevista 12/09/07

<https://www.solinguinglesa.com.br/conteudo/reportagens9.php>

*“O crescimento das línguas do mundo funciona como um trator, esmagando os idiomas no caminho. Não é um fenómeno restrito a duas ou três línguas. Não é apenas o inglês que ameaça línguas nativas na Austrália, ou o português que põe em perigo idiomas indígenas no Brasil. Entre os seus fenómenos estão as subversões da ortografia nos blogs, no correio eletrónico e o aumento no ritmo da extinção de idiomas. Estima-se que em cada quinzena desapareça um.*

Em correspondência com *David Crystal*<sup>1</sup> este afirmava-me (2002)

*“Espero que o desenvolvimento da língua portuguesa faça parte duma ética multilíngue nos países em que é falado a fim de que as línguas indígenas sejam respeitadas e apoiadas, o que no caso do Brasil é crítico dado o estado das línguas nativas.”*

Na Austrália os colonizadores (séc. XIX) tentaram “civilizar” os aborígenes com valores ocidentais, escolas e vestuário, misturados com Cristianismo e Inglês. Isto foi criminosamente notório quando raptaram literalmente uma em cada dez crianças aborígenes para as forçarem a assimilar os valores da sociedade branca (Aboriginal Stolen Generation” peça “Stolen,” Companhia de Teatro Ilbijerri Aboriginal and Torres Strait Islander, 1992, representada no

1 correspondência com o autor em 2001 Professor David Crystal.

London's Tricycle Theatre, julho 4-15, 2000). De igual modo, nos EUA, os governos obliteraram da face da terra tribos de índios e forçaram as crianças nativas americanas a frequentarem escolas nas quais era proibido o uso de uma língua que não a inglesa.

*A Austrália foi colonizada com gente de Inglaterra e 26 países.<sup>2</sup> Quando os primeiros colonos arribaram (1788) havia 250 línguas aborígenes e 600 dialetos, sobrevivem 250. Tinha vocabulários complexos descrevendo os intrincados meandros da sociedade, com mais de dez mil étimos, terminologias específicas para cerimónias de iniciação ou para aqueles com quem o contacto devia ser evitado. Alguns casais falavam mais do que um idioma e identificavam-se pela geografia e língua. A tradição oral preservou formas verbais e não-verbais, incluindo danças, canções, pintura. Cada grupo linguístico era uma nação com fronteiras, cultura e regras. Em 2008, 10% da população aborígene australiana falava um dos remanescentes 250 dialetos. Destes, 160 desapareceram ou falados apenas pelos anciãos. Dos restantes 90 dialetos apenas 20 têm uso diário (in Dr. Annette Schmidt, 1990), os maiores grupos de idiomas sobreviventes têm entre 3-4 mil falantes, e as restantes seis línguas mil falantes. 15 mil pessoas falam Aborigin Krill e Crioulo das Ilhas Torres. Dos que sobrevivem, metade tem entre dez e cem pessoas capazes de os articularem. (in Aboriginal Australian Encyclopedia, Canberra: Aboriginal Studies Press for the Australian Institute of Aboriginal and Torres Strait Islander Studies, 94.)*

O campeão da extinção de línguas é o Brasil. Das 1 100 indígenas, 180 sobrevivem.

#### 465.2. LITERATURA AÇORIANA (TRADUZIDA). DANIEL DE SÁ, ABR. 2008

*O debate académico em torno da expressão «literatura açoriana» é antigo. Onésimo escreveu dois livros e coordenou outro (A Questão da Literatura Açoriana (1983), Da Literatura Açoriana – Subsídios para um balanço (1986) e Açores, Açorianos, Açorianidade (1989).*

Em 1975, Vitorino Nemésio deixou-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), independentista, como candidato a Presidente da futura República e contra a vontade de vários autores, os separatistas usaram a literatura como sinal da identidade nacional.

*Hoje, é questão arrumada. Cristóvão de Aguiar contesta a expressão, outros agarram-se a ela, um terceiro grupo olha-a com bonomia e cita Wittgenstein para explicar que se trata sobretudo de uma expressão útil. “Se há literatura cabo-verdiana ou literatura são-tomense, contestar a existência de uma literatura açoriana é sinal de «um restinho de Inquisição»,” diz Onésimo. “É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa», diz Eduardo Bettencourt Pinto, angolano que se tornou «escritor açoriano por escolha própria.*

Prevalece a opinião de Pedro da Silveira, das Flores (1922-2003 “A Ilha e o Mundo” 1953): «A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Apenas precisa, o que é diferente, de sair do gueto que lhe tem sido a sina», escreveu na entrada «Açores» (Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária 1977 João José Cochofel Iniciativas Editoriais).

*Podemos citar três centenas de autores relevantes.*

*A Universidade Brown tem uma cadeira de Literatura Açoriana e em Ponta Delgada (UAç), Urbano Bettencourt ministrou literatura açoriana (licenciaturas) e um módulo de 10 horas (Cursos de verão) e declarou “na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Assis Brasil orienta um curso de literatura açoriana em pós-graduação.” Como recém-chegado tive o privilégio de aprender idiosincrasias micalenses e picoenses quando, traduzi Daniel de Sá e Manuel Serpa. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que lhes apõem nos dicionários. Trata-se de desvendar as ilhas como mito paradisiaco recuando na essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias.*

Deduzem-se da leitura destes autores, características relevantes para a açorianidade:

1. O modo como o clima inculca um carácter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;
2. O modo como a História define os habitantes do arquipélago tão afastados da metrópole como há séculos atrás;
3. como se recortam os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que o 25 de abril alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. O modo como a terra se manifesta de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir - a essência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra. Nem apurei se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se impõem condicionando a presença humana, para evidenciar a sua diferença, neste caso a açorianidade? Estando esta presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade de tradutor, por mais empenhado que possa estar pela sua tradução.

*A existência de literatura açoriana não passa, necessariamente, pela açorianidade. (Machado Pires, A.M.B., Vitorino Nemésio: Rouxinol e Mocho, Câmara Praia da Vitória, 1998, 92 pp.). Pedro da Silveira captou “as mundividências açorianas,” e na poesia “as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social.” Eu apenas capturei uma fotografia da alma dos escritores que traduzi. Assis Brasil diz “Daniel de Sá (Ilha grande fechada, Salamandra 1992) revela facetas da identidade insular, da ilha de origem.”*

*“Coloca-se a evasão como um destino ao qual o açoriano se entrega com a fatalidade de um dever. O resultado é a errância, a transitoriedade e o permanente desejo da volta. Quando acontece, essa volta nunca é satisfatória: o emigrado jamais poderá deixar de ser americano, e mesmo que construa uma casa suntuosa em sua freguesia original, contribua para a igreja e participe das festas coletivas, todos lhe conhecem a história. Os componentes tradicionais da literatura açoriana: a sensação de estar-se numa prisão, o desejo de evadir-se, a saudade a roer os calcanhars, a estreiteza do ambiente insular, a desconfiança das terras estrangeiras. Daniel de Sá (Crónica do despovoamento das Ilhas. Salamandra, 1995) mostra-nos outra realidade: não há quem abandone a ilha, todos são prisioneiros desse cárcere que se circunda de infinitude por todos os lados. Temos crónicas que tratam dos teres e haveres açorianos, mas cujos interesses vão além.”*

No plano da linguagem, o Autor (“O Pastor das Casa Mortas” (ed. VerAçor 2007) dá-se ao luxo de exportar, por mimética, para uma das regiões mais interiores e montanhosas de Portugal, a Beira Alta, o herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados, por entre o pastoreio na verdadeira apologia da solidão física que é o retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só para toda a vida.

*Como o autor diz trata-se de um livro dedicado “Às mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.” A narrativa em terminologia não-insular é uma ode ao açoriano isolado, num amor perdido que se encontra quando Caronte ronda.*

A transposição da naturalidade geográfica da personagem deixa-nos na dúvida se a Teresa do “Pastor” não será gémea da que acompanha “Santa Maria: a Ilha-Mãe.” Em ambas as obras “as palavras [são] tratadas suavemente, amenizando as arestas da fonética, como se com elas não pudesse nunca ofender-se alguém.”

*Trata-se de uma visita não ao “despovoamento das ilhas” mas o país real, montanhoso, interior de Portugal. Aqui não se resgata o imaginário coletivo, no que tem de mais genuíno e identificador, antes se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Nem há a memória plural, de Gaspar Frutuoso, mas sim a ficcionalização dum fenómeno que não se mimetiza apenas na digressão pela Beira Alta.*

2 (Grécia, Itália, Escócia, Gales, Irlanda, Áustria, Canadá, Gibraltar, Holanda, Hungria, Índia, Madagáscar, Maurícias, Polónia, Rússia, Suécia, EUA; Índias Ocidentais, Cabo da Boa Esperança, Dinamarca, Egito, França, Alemanha, Pérsia, Portugal e Lituânia. (Records of the First Fleet, Jan. 26, 1788)

As Casas Mortas são um resultado inelutável da vida do personagem principal, sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, personagens e leitor que nos levou a ver e rever várias vezes, uma só passagem para lhe dar o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia da prosa. Pensei que seria única, mas rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra. O resultado é rico, denso e tenso, a prosa enovelando em diálogos simples um enredo que prende.

*O outro livro intitulado "Santa Maria Ilha-Mãe" (Ed. VerAçor 2007) é uma viagem ao passado, permeada de nostalgia quase lírica, a magia da infância em cores simples mas nítidas. De como os Açores conviveram com o isolamento de séculos, a ameaça constante dos piratas, a inculcar vin cadamente as crenças religiosas, na ilha que não foi muito assolada por terremotos nem explosões piroclásticas. Essa mundividência, leva-nos num interessante guia turístico.*

O título gerou controvérsia, na versão portuguesa e inglesa "Ilha-Mãe; Island Mother" ou como o autor notaria: "Não se trata de "mãe" com valor de adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen. Como bem entendeu, uma ilha que é mãe também. Não é o caso de Ilha Verde, por exemplo... O Clube Asas do Atlântico era um dos meus quatro lugares míticos. Os outros três, eram a capela de N Sra do Ar, o Externato e o Atlântida Cine. Ainda hoje recordei exatamente o seu cheiro" e nós sentimos os cheiros, as cores e as toadas que nos descreve.

"Embora vivesse numa ilha pequenina, a cinco minutos de um passeio calmo até ao aeroporto de quase todas as companhias aéreas que havia no Mundo, isso para o caso pouco importa!"

Todas as personagens, são credíveis. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie McDonald

*"A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte."*<sup>3</sup>

Já a tradução de Manuel Serpa "Da pedra se fez vinho / When rock became wine" foi um exercício inesquecível. Com a ajuda de conterrâneos do autor, houve explicações à guisa de glossário, em profusas notas de tradutor. Para um leitor não-insular o texto seria incompreensível, era necessária a intertradução do falar picoense antes de vertido num inglês pouco shakespeariano.

*"Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes. Primeiro em Portugal, ilha perdida da Europa no Estado Novo, um capítulo naufragado da História Trágico-Marítima, nas ilhas de Timor, de Bali, na então [pen]ínsula de Macau [fechada da China pelas Portas do Cerco], na imensa ilha-continente Austrália, e em Bragança, ilha esquecida que é o nordeste transmontano."*

David Crystal<sup>4</sup> salienta "a língua inglesa substituiu idiomas nativos como o Cambriano, Cornualhês, Norn e o galês Manx, embora esteja a ser substituída pela sua variante norte-americana."

Ao ler trabalhos na língua de Saramago, do colombiano García Márquez, do egípcio Naguib Mahfouz (apenas 4 livros traduzidos para português) devemos ser sempre humildes em relação aos colegas tradutores, capazes de penetrarem as mais recônditas minudências das línguas de origem e transformarem-nas nas mesmas tonalidades na nossa língua.

Foi o que tentei fazer ao descobrir a Açorianidade dos autores que traduzi e afirmo que a literatura açoriana está viva, de boa saúde e recomenda-se.

*Cito um exemplo (1998) do jornal The Boston Globe, em que as vendas na Rússia de um "depilador" tinham sido objeto de promoção como sendo um "tónico capilar" para desespero de todos os recém-carecas. Outros exemplos abundam como o da água mineral "Blue Water" anunciada em Ucrainiano como "bluvota" [vômito] ou ainda o anúncio do champô "Wash and Go" que em Russo soa a "vash" ou piolho. Admitamos que traduções semelhantes são infelizmente correntes em material promocional do arquipélago como aconteceu há anos com o belo livro turístico promocional "Triângulo Dourado" editado pela Clássica Publicações.*

Dei conta da extinção das línguas, que têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. Ignoramos a perda diária de línguas e nem sentimos a sua falta, outros acreditam que a plurixistência é uma praga que assola a humanidade desde a Torre de Babel, em vez de ajudar a comunicar serve para confundir pela diversidade. Felizmente há muitos clamores alegando que a extinção das línguas é uma ameaça à espécie humana, e que, tal como a diversidade biológica é vital para a saúde da Terra, como as diversidades intelectuais e culturais. Isto é cada vez menos falacioso devido à globalização desenfreada. A sobrevivência dos idiomas depende de todos nós pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias neste mundo de ondas hertzianas sem fronteiras onde a tirania dos governos não penetra.

Usemos a Internet para proteger e recriar as línguas antes que se extingam. A tradução é essencial para reconhecer uma Nova Europa, e dezenas de línguas pondo-nos em contacto direto e instantâneo com culturas de vários países. Possam também descobrir a rica cultura açoriana.

#### 466. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 3- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 466.1. PROJETO DE ESTUDOS AÇORIANOS, 9º COLÓQUIO, MAI 2008,

*A vida sem provações não vale a pena ser vivida.*

– Sócrates, Apologia, 38

O meu projeto megalómano era dar voz aos escritores das ilhas mágicas e assombradas a que ora chamo minhas, abaná-los das consciências súbditas e resignadas, acenar-lhes com o mundo que iria querer conhecê-los e lê-los, mal soubessem que existiam. Pena terem-se contentado com as ilhas como auditório. Mais uma ideia destinada a granjear inimigos e invejas, se não me votassem ao ostracismo. Ninguém me contratara para a missão impossível, todos haviam sobrevivido, sem as minhas boas intenções. Eram conhecidos e gozavam de boa reputação no seio dos expatriados. Um best-seller eram (então) 300-350 livros em edições que o mundo desconhecia. Era urgente e imperioso. Tinham de ser ouvidos, lidos e estudados antes de tragados por cataclismos como o que afundara a Atlântida. Tudo começou quando os comecei a traduzir.

*Não era fácil pois um escritor raramente se alcandora à fama nem se assume salvador do mundo, nem tampouco enviado por divindades para gravarem palavras na rocha sagrada e perpetuar a civilização. Traçavam no alvo papel os hieróglifos, no fluir ritmado das palavras ao som das ondas destes mares, entremeadas pelo cíclico estremecer de solos, em lembrança de Hefesto, Deus do fogo, metais e metalurgia, filho de Zeus e Hera. Ou seria recordando Hades, irmão de Zeus e Posêidon? Enquanto o primeiro detém os Céus, o segundo os Mares, Hades é o senhor do mundo subterrâneo, o inferno local para a moradia dos mortos.*

A escrita desses autores fluía como a lava incandescente, que desceu a 25 junho 1563, da Serra de Água de Pau para destruir Vila Franca do Campo. Três dias depois há a erupção do Pico das Berlengas, e inundações torrenciais que arrastaram para o mar tudo quanto havia ficado de pé na Ribeira Grande, incluindo os moinhos. No Pico das Berlengas surgiu enorme cratera, a Lagoa do Fogo. Esses autores eram tão persistentes como tenazes foram os habitantes da Ribeira Grande que durante quatro décadas labutaram na reconstrução sem se deixarem vencer pela doença ou natureza. Sofrendo as inclemências do tempo, reconstruíram, limpando as terras, recompondo os moinhos, refazendo casas e reparando templos, erguendo nova ermida da Sra. de Guadalupe, na Igreja de S. Francisco onde forma a capela do Senhor Santo Cristo da Coluna.

<sup>3</sup> Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor.

<sup>4</sup> (Cambridge Encyclopedia of the English Language, David Crystal Cambridge University Press ISBN 0521530334)

*Embora tivessem os livros lidos por centenas de pessoas no arquipélago e diáspora, continuavam a arar as palavras como terreno pedregoso sem húmus, mais duro que o basalto e mais inóspito. Estavam tão olvidados como a população, das erupções do arquipélago.*

A erupção do vulcão das Furnas: (3 setº 1630) o mais perigoso dos Açores

*Erupção do Cinzeiro, a maior, tipo pliniano, grande explosividade, emitindo um gigantesco volume de pedra-pomes e de material pulverizado. A nuvem obscureceu o Sol por três dias e cobriu a ilha com uma camada de cinzas que excedeu 1,5 m de espessura e se depositaram nas Flores a mais de 360 km. A pedra-pomes flutuante impedia a navegação nas proximidades da ilha. Causou centenas de mortos.*

*E se os governos se descuidam há séculos em cuidar dos açorianos que dizer dos que mal sabem da nossa existência? Por vezes, surge a exceção, como a 10 junho 2008 quando Daniel de Sá foi agraciado com o grau de oficial da ordem do Infante D. Henrique. Um grupo de amigos homenageou-o a 13 de junho. Em nome dos Colóquios propus a criação dos Estudos Açorianos: “É um privilégio estar nesta singela, mas sentida homenagem a um ser especial, que noutra país, certamente representaria a cultura. Felizmente novas vozes fazem ouvir o seu clamor para o reconhecimento mais do que merecido a este grande homem das letras e da cultura. Resta-me esperar que a sua obra continue a ser editada, reeditada, traduzida e divulgada nos quatro cantos do mundo, como representante desta açorianidade micalense e universal que tanto orgulho devia inculcar nos que aqui habitam. Chegou a altura de criar os Estudos Açorianos e Daniel de Sá a liderá-los com o apoio de nomes como Urbano Bettencourt. Podemos criar a cadeira de estudos e literatura açorianos, através de educação à distância, incluindo autores das nove ilhas, com o apoio duma instituição, fundação, etc., mesmo que não seja num qualquer programa curricular de licenciatura ou mestrado.”*

#### 466.2. O MUSEU DA LÍNGUA EM BRAGANÇA, 10º COLÓQUIO – SET.º 2009

Da Lusa: *“O primeiro museu português da Língua Portuguesa pode surgir em Bragança, segundo um repto lançado no encerramento do 10º Colóquio da Lusofonia.*

O autarca quer aproveitar o balanço dos Colóquios da Lusofonia, que há sete anos reúnem na cidade transmontana representantes dos vários países lusófonos, para desenvolver o primeiro museu nacional da Língua Portuguesa. Jorge Nunes gostaria de ter, um espaço idêntico a o que já existe em S. Paulo, com a história e evolução da língua falada por 320 milhões de pessoas.

*«Em Portugal não há um espaço museológico relacionado com a Língua Portuguesa e Bragança pode abraçar esse projeto», disse à Lusa. O vice-presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Artur Anselmo, manifestou a disponibilidade a ajudar a instalar o Museu da Língua Portuguesa. A Academia portuguesa tem «um espólio muito importante relacionado com a defesa da Língua Portuguesa, desde os fins do século XVIII até hoje» que poderia disponibilizar para o novo museu, «Bragança é o lugar ideal porque está na confluência de dois mundos fundamentais da Língua Portuguesa, Portugal e a Galiza». A ideia mereceu o aplauso do linguista brasileiro Evanildo Bechara, que prometeu propor à Academia de Letras Brasileira, da qual é membro, o apoio ao museu português. O Presidente da Câmara de Bragança gostaria de congrega as «vontades necessárias, para que no próximo Colóquio os participantes pudessem discutir o projeto e fazer a validação em termos científicos».*

Outro apoio com que o projeto conta, é o da Academia Galega da Língua Portuguesa, que teve dia 6 outº, Santiago de Compostela, o primeiro ato oficial, e nasceu no seio dos Colóquios da Lusofonia em Bragança. Os Colóquios irão desenvolver uma ação concertada com o Presidente da Câmara para a localização do Museu da Língua Portuguesa. Pretende-se que os Colóquios funcionem como motor (através de propostas de toda a sua rede) e de elo de coordenação das iniciativas das três academias na programação e na conceção do Museu, cujo projeto de viabilização será apresantado pela Câmara Municipal a fim de ser validado pelos Colóquios e pelas Academias em outubro de 2009. A ideia tem despertado a imaginação dos académicos e investigadores envolvidos pela sua ousadia e vanguardismo e vem culminar os esforços de vários anos através dos Colóquios da Lusofonia de fazer de Bragança a capital da Lusofonia.

*O Brasil, registou milhões de visitantes nos primeiros anos do Museu da Língua em São Paulo, para além de todas as expetativas. Haja vontade política (e embora sejamos independentes e subsídio independentes) é necessária vontade política para arrancar este projeto, e Bragança orgulhar-se de ser a segunda cidade no mundo a ter um Museu dedicado à Língua.*

**Claro que nada aconteceu.** A Câmara dissociou-se dos Colóquios em 2010, para, posteriormente, avançar. Em 2020 o primeiro concurso foi anulado por ilegalidades.

*Avançamos com o projeto e firmamos (2018) um protocolo com a Câmara de Belmonte para, no Museu dos Descobrimientos, serem incluídos três polos da Lusofonia. O primeiro das origens da língua à carta de Pero Vaz de Caminha [equipa multidisciplinar liderada pelo Professor Malaca Casteleiro, coadjuvado por Mª Francisca Xavier e Mª de Lourdes Crispim. Concluído e entregue antes do falecimento do professor Malaca (fev 2020) e da Mª Francisca (setº 2019)].*

#### 467. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 4- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 467.1. BRASÍLIA, S. PAULO E RIO 2010 13º COLÓQUIO, CRÓNICA 81, ABR

Os transmontanos (como eu que sou de lá sem lá ter nascido) sempre tiveram atração peculiar pelo Brasil. A minha avó paterna lá nasceu. O bisavô materno transmontano lá ia ficando para sempre. Pode ser do clima, ou das hormonas. Dizem que as brasileiras são mais dadas, desinibidas ou desavergonhadas e têm mais «je ne sais quoi». Nunca descobri se era verdade.

Este grupo, que ia a terras de Vera Cruz, levava na bagagem excesso de livros e de intelecto. Teria ponderado as belezas naturais, mas o que os movia, encafuados na caixa de metal a 11 km de altitude por nove claustrofóbicas horas, nada tinha a ver com a beleza das brasileiras, naturais ou outras, com hormonas ou sem elas. Dizem que o Brasil é a terra da farra e tudo serve de desculpa para a folia. A gente é toda de festa e pouca de assuntos sérios, mas eram estes que nos levavam a atravessar o Grande Mar. Para muitos, era o batismo do continente sul-americano, para outros, mera revisitação. A terra é grande, sem fim à vista, povoada por mesclas de gentes diferentes com sotaques variados e sangues de muitas etnias.

A viagem, sem nada a assinalar, além do tormento reservado aos fumadores. Nove horas de privações, mais as que antecedem o embarque. Para mim, o maior inconveniente foi trivial. Dada a rigidez das normas na cabine, não coleí a dentadura e fui com a cremalheira solta. Um tormento, os maxilares dançavam ao som de castanholas imaginárias, dificultando a respiração e o sono. Se não acreditam experimentem, mal se consegue falar. Após as formalidades, fui a correr ao banheiro ou tualete fixar a dentição. Se acham hilariante imaginem como se vão sentir quando espirrarem a placa (sim, já me aconteceu, mas não foi em público)...

Rumámos a Brasília, a quarta maior cidade (2009, pop. 2,6 milhões). o segundo maior PIB per capita (40 mil reais). muito arrumadinha em setores idênticos, capital cinquentenária que marca a era do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (12 setº 1902-22 ago 1976) médico, militar e político. Foi o início da carreira do Arqt.º Óscar Niemeyer, então vivo e lúcido, 103 anos (faleceu 5/12/12). Uma cidade artificial no planalto do estado de Goiás, a lembrar a Camberra australiana, outra capital artificial, bem ordenada, limpa e metódica. Em ambas faltava o calor e a vida humana das grandes cidades desordenadas e caóticas. Inaugurada em 21 abril 1960, Brasília é a terceira capital, após Salvador e Rio de Janeiro. O Plano Piloto elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, 1957, aproveitou o relevo, e adequou-o ao projeto do lago Paranoá, concebido em 1893. Uma cidade quente nessa manhã 30 °C às 06.30. As temperaturas baixavam, um pouco, de noite, mas de dia acima dos 30 no final de março.

O primeiro percalço foi a «van» não estar à espera no aeroporto. Espera aproveitada para descobrir o intrincado sistema de multibanco. Nem todos permitiam levantamentos de cartões estrangeiros e só em prestações até 300 reais (120 €) sem se saber porquê. Tivemos o apoio dum membro o da Conferência Internacional

sobre o Futuro da Língua Portuguesa, CPLP. Depois, metemos pés à jornada, que é como quem diz, arranjamos transporte para a comitiva de dez pessoas e 50 peças de bagagem. O calor apertava e o trânsito também.

No Hotel, só dois quartos vagos. A acomodação ia, devagarosamente, vagando. Era meio-dia quando nos instalamos. Refrescados, fomos cuidar do estômago sem uma refeição digna há 24 horas, e conhecer a capital após a refeição a quilo.

Um circuito de quatro horas na qual se constatou que as crianças das escolas vão a Museus, por mais entediadas que pareçam, como o do Presidente Juscelino. Vimos a sentinela no Palácio do Planalto imóvel durante duas horas, sujeito a ser fotografado por todos. Achei grotesco, impróprio e desumano. O palácio dos Senadores é melhor do que o dos deputados, mas não explica a corrupção nem o «mensalão». Digna de menção a igreja de Dom Bosco, na aparência discreta, com iluminação natural alberga belos vitrais azuis que merecem ser vistos. Toda em azul, nunca se vê a igreja da mesma maneira. De manhã, um azul claro, quase angelical. Ao meio-dia, mais vivo e no fim da tarde, um azul quase preto, dependendo do sol. À noite, quando o grande lustre se acende, bom é mágico. Deceção foi a catedral, de mãos erguidas, em obras de beneficiação pelo cinquentenário. Oculta em lonas brancas que lhe encapotavam a beleza e dificultavam imaginar a forma. Dizem que é demasiado quente para os fiéis, segundo o guia, satírico, que se não fartava de criticar o Lula da Silva, Presidente.

A cidade em forma de avião sem alma, bairros divididos em setores, um do governo autárquico, outro do federal, outro para farmácias, outros para compras, outro para o metro vai para os subúrbios desfavorecidos e numa estação vimos pobres. Em todas as cidades, a riqueza paredes meias com a extrema pobreza, jantou-se rodízio, foi caro (60 reais por cabeça, 24€).

De manhã tomamos o «café da manhã», eufemismo para pequeno-almoço. Café é coisa que se não se consegue beber, em especial para os viciados em «expresso» ou «italianas». Já as colegas tinham saído na missão de salvar a língua na Galiza, ameaçada pelos castelhanos. O mundo desconhece essa guerra sem quartel. No palácio das Relações Externas, Itamaraty, em obras de beneficiação para o cinquentenário, acabáramos por fazer contactos com a delegação de Timor-Leste onde estavam, meus conhecidos, o Roque Rodrigues (ex-ministro e conselheiro do Presidente Ramos-Horta), e o reitor da UNTL, Benjamim Côrte-Real.

28 março: domingo. Chegada a S. Paulo, visita e recepção pelo Diretor do Museu da Língua Portuguesa. Afinal nem «van» no aeroporto, nem Diretor. Estavam a Zélia Borges<sup>5</sup> e Cícero, para nos saudarem, na cidade de onze milhões. Andamos às voltas com a bagagem, antes de deixar tudo no «guarda volume», arrumar três carrinhas táxi e ir para o Museu.

Começara a chover. Duas e meia da tarde e ninguém almoçara. Nas traseiras da Estação da Luz, onde se encontra o Museu, depáramos com gente de aspeto dúbio, olhando para a estação de trem e encostada às paredes. Um policial disse que para comer era seguir em frente 200 m., na avenida nas traseiras, interdita ao trânsito, sem parar em lanchonete alguma, até um sítio que nos indicou. Ninguém se interrogou porque não parávamos em nenhuma das inúmeras tascas peçadas de travestis, mulheres de vida fácil ou difícil, drogados, bêbedos, mendigos e refugio da sociedade de consumo impiedosa. Comemos e bebemos numa lanchonete que parecia uma taberna típica do Portugal de 1950. Depois para o Museu, que o tempo urgia e havia o avião a não perder. Ainda fomos atrás em pânico, a correr, buscar a pasta com os bilhetes e documentação, esquecida sob a mesa da lanchonete... ninguém viu ou roubou.

Na recepção, a guia pediu desculpa pois o Diretor ficara retido em Brasília e só chegaria ao final do dia. Estava lotado o Museu da Língua. É um espanto e dá largas à imaginação na preservação da cultura linguística que nos une. Além da parte informativa, o conteúdo lúdico atrai pessoas de todas as idades. Pensei se aconteceria em Portugal. Era para admirar por ser domingo e a entrada paga (4 reais: 1,5 euros). De lá retiramos as ideias necessárias para os nossos projetos de Museu (Lusofonia em Bragança e Açorianidade na Lagoa). Chovia a cântaros quando entramos nos táxis de regresso ao aeroporto, num congestionamento de trânsito memorável por 40 minutos, mas o motorista disse que dois dias antes demorara três horas...

Jantar num «self-service» do aeroporto, com vista para a pista, antes de ir para o Rio.

Chegamos pelas 23 horas à Cidade Maravilhosa. Final e felizmente, estava à espera um magnífico «autopullman», ónibus privativo do Hotel Copacabana Mar, num dos distritos mais conhecidos. Dia agitado, acordáramos em Brasília, almoçáramos em São Paulo e dormíamos no Rio. Vida de político deve ser assim. A temperatura acima dos 30 °C, àquela hora, insuportável pelo excesso de humidade. Já em 1994, ali, suportei temperaturas de 35 °C e mais, com humidades próximas da saturação. A má recordação da comida brasileira de então seria dissipada com a boa comida que nos foi servida. Fomos dormir para levantar cedo na manhã seguinte.

O horário era apertado: 29 março: 2ª fª Rio de Janeiro: Almoço privado com o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça, 14.00 Academia Brasileira Palestra Pública presidida pelo Presidente e Evanildo Bechara com Malaca Casteleiro (Academia das Ciências), Concha Rousia (Academia Galega) e Chrys Chrystello dos Colóquios. 18.00 Real Gabinete de Leitura, Isabel Rei deu recital e os Colóquios assinaram convénio com o Liceu Literário Português.

Dia 29, pelas oito e meia saímos do hotel (Malaca Casteleiro, Anabela Mimoso, João e Helena Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Telmo Nunes e o transmontano Francisco Madruga, editor convidado), em busca de um ATM que desse dinheiro. Bancos havia muitos, mas dispostos a dar dinheiro poucos. Tivemos sorte no supermercado Pão de Açúcar numa máquina portátil, que não era o habitual buraco na parede.

Em frente ao Hotel Copacabana (os Rolling Stones deram ali um dos maiores concertos, 2008), o filho João foi dar um mergulho nas águas quentes, no que será, decerto, um momento alto nas memórias futuras. Quem sabe se não estaria a viver o melhor dia da juventude sem saber? Andamos quilómetros ao longo da marginal infundável. Regressei ao hotel para me aprontar para o almoço na Academia Brasileira de Letras. Na ABL momentos inolvidáveis, rodeado de «imortais que não imorriáveis», como diz o Bechara. Um aprendiz de feiticeiro no Olimpo com os Deuses. O Presidente, Marcos Vilaça, simpático, ofertou livros, a medalha comemorativa de Machado de Assis e um lauto almoço com um bolo de Pernambuco que é a réplica da bebinca de Macau. Vilaça presidiu à abertura da palestra, antes de ceder o lugar ao Bechara. Dezenas de jovens e académicos enchiam o auditório, na sessão de três horas que jamais esquecerei. Ofereceram um pagamento simbólico, mil reais, chamado «jeton», que atribuem aos académicos que ali vão. Senti-me o primeiro homem a andar no espaço sideral. Quando aterrar, avisarei. Depois do jantar abateu-se enorme tempestade, chuva torrencial e trovoadas altissonantes que nos impediu de regressar.

De manhã, rumo ao estado catarinense, visitas, seminários, palestras e sessões.

Programa: 31 de março 4ª fª

09:00 – Seminário das Cidades Fortificadas na UFSC.

10:30 – sessão de esclarecimentos Colégio Salvatoriano N. S. de Fátima, no continente (Educação Básica e Ensino Médio)

15.00 Recepção na Câmara de vereadores, homenagem à comitiva

17.00 Sessão de esclarecimentos na UNISUL

01 de abril, 5ª fª Visita ao Ribeirão da Ilha, EcoMuseu (palestra do professor Nereu), Porto do Contrato (petiscos), Almoço no Pântano do Sul, restaurante Arantes.

02 de abril, 6ª fª, Passeio de escuna, Fortalezas: Santa Cruz, Anhatomirim, Sto Antº de Ratonas, S. José da Ponta Grossa.

03 de abril, sábº Norte de Ilha, Sto Antº de Lisboa, área de preservação cultural guarda a tradição da comunidade pesqueira, casarios centenários e uma rua pavimentada com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de N. Sra. das Necessidades, 1750-1756, uma das mais charmosas, e a

bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular. Almoço no Restaurante Chão Batido, Santo Antônio de Lisboa. Retorno ao hotel. Encontro com a imprensa.

04 de abril / domingo / Páscoa – Florianópolis.

10:00 A Prefeitura Municipal de Palhoça recebe a comitiva para um dia cultural com oferta de almoço

19:00 O Prefeito de Governador Celso Ramos homenageia a comitiva com um documentário «Ganchos entre mares e montanhas» no hotel

05 de abril - 2ª Sessão de Esclarecimento UFSC e visita ao NEA (núcleo de estudos açorianos)

#### 467.2. SANTA CATARINA, A DÉCIMA ILHA AÇORIANA? MAR 2010

Brasil, Santa Catarina, 13º Colóquio, o primeiro em Terras de Vera Cruz, no Estado mais açoriano de todos. Chegamos a Florianópolis, a 30 de março. Almoço com os organizadores locais. Antes de recolher ao hotel, levaram-nos ao Morro da Cruz, o ponto mais alto de Floripa, e desfrutar uma vista de 360º. Fomos escoltados pela PM com um aparato que todos estranharam, sirenes a apitar, luzes a piscar, um batedor em moto e jipe da Polícia Militar com um casal de jovens policiais. Disseram que era pelo perigo de assalto no Morro. Eram todos militares e da secreta mais pareceu que queriam ouvir o que tínhamos para dizer. O carro do governo que me fora atribuído, e nos primeiros dias eu cedera aos Professores Malaca e Bechara, desapareceu ao terceiro dia, tal como surgira. O motorista devia ter reportado que éramos inofensivos e não estávamos ali para intentar nada. Seguiu-nos como uma sombra, de ouvido atento. Disse abertamente, no primeiro dia, que fora da «secreta», agora conduzia carros oficiais.

Estivemos relaxados, tempo para banhos na piscina e retemperadores no «jacuzzi», com excelente vista para o continente e a baía fronteira ao hotel Maria do Mar. Na manhã seguinte, dia 31, fomos à UFSC (éramos assistentes presenciais no Seminário das Cidades Fortificadas) e seguimos para o colégio Salvatoriano N. S. de Fátima no continente (Educação Básica e Média) onde havia recepção com alunos, curiosos bailados elogiando a Língua Portuguesa e um varal sobre o novo acordo ortográfico. Curiosamente não se viam índios nem negros entre os alunos, na maioria brancos e louros. Colégio católico, provavelmente dispendioso para as minorias desprivilegiadas. Depois, a Sessão de Esclarecimento a professores e alunos, com debate e pequena mostra de poesia por três alunas.

Após o almoço, seguimos para a recepção na Câmara de Vereadores, com homenagem à comitiva. O Presidente presenteou todos, numa cerimónia simultaneamente descontraída e formal. Fomos à UNISUL onde mostraram a Universidade Virtual de ensino a distância. Era aqui que tínhamos previsto o curso de Estudos Açorianos. A coordenadora do curso era uma das coorganizadoras locais, mas perdeu a confiança por plágios e outros que aqui não vêm à liça.

Dia 1 de abril saímos bem cedo para o passeio ao sul da ilha. Continuou-se na visita ao Ribeirão da Ilha, cidade costeira com traços açorianos e habitantes orgulhosos do passado, bem visível nos nomes «açorianos» que davam a tudo. Fomos ao EcoMuseu em honra de Franklin Cascais, sendo nosso guia o veterano professor Nereu do Vale Pereira, dono do local e amante da história açoriana.

Antes, estivemos nas águas calmas do Porto do Contrato, belo local para viver e onde se fixaram há mais de 200 anos os primeiros açorianos contratados que criaram o Estado.

Seguimos para outra cidade costeira, o Pântano do Sul, almoço no restaurante Arantes, o mais açoriano de todos, que tem nas paredes uma homenagem a Vamberto Freitas. Foi aqui que a Manuela Marujo comprou a vivenda para passar seis meses enquanto não se reforma da universidade canadiana.

Dia 2 bem cedo para um passeio de escuna às Fortalezas de Santa Cruz na ilha de Anhatomirim, Sto Antônio de Ratones, e São José da Ponta Grossa (passeio do Seminário das Fortalezas).

Almoço descontraído, calor intenso na Praia dos Golfinhos (não vimos nenhum). Belas construções fortificadas com lendas de heroicas defesas contra os espanhóis, franceses e holandeses, em Anhatomirim se construiu a primeira residência oficial do governador do estado. Ali tivemos a representação do Imperador e D. Carlota Joaquina a agradecer os nobres e armá-los cavaleiros. Espantosa a semelhança da senhora com D. Carlota. A viagem foi cansativa, acabou tarde e a más horas, os organizadores excediam-se em explicações científicas. Como nas noites anteriores no hotel havia um grupo de música (em farra e folia ninguém o faz melhor).

Sábado 3 de abril, fomos a mais uma cidade costeira, no norte da ilha, Santo Antônio de Lisboa, uma das povoações mais antigas, área de preservação cultural que guarda a tradição da comunidade pesqueira, com casarios centenários e uma rua com pedras brutas do tempo da escravidão. Destaque para a Igreja de N. Sra. das Necessidades (1750-1756), e a bicentenária Casa Açoriana, galeria de arte e museu popular. Almoço no Restaurante Chão Batido. Devo confessar que não vi, tantas semelhanças como as que dizem existirem com os Açores. As fotografias não me deixam falar da açorianidade arquitetónica ou urbanística. Existe como elemento metafísico, invisível e intangível, sempre presente, a açorianidade das gentes é mais um estado de alma. O Brasil é um misto de muita pobreza generalizada e minoria muito rica, e normas conquistas tecnológicas e atraso social. Os bancos funcionam como em 1960, a Internet é lenta e cara, o café é intragável (exportam todo o bom?) e os correios funcionam mesmo muito mal, país de contrastes, pouco cosmopolita e demasiado coloquial.

Eram locais paradisíacos com belas praias e uma paisagem maravilhosa em inúmeras baías povoadas de pequenas ilhas a estimularem a vontade de as comprar e nelas habitar. Por momentos, sonhamos deixar os Açores e ali fixar residência.

Com mil euros já se vive confortavelmente, o custo de vida é barato, sem andar atrás de modas e marcas. Era a solução para a Helena se desvincular do ensino, que tão poucas satisfações trás. Anda cansada e desiludida com a missão de ensinar, limitadíssima, e ocupa-se de tudo menos da função primordial, formar jovens com conhecimentos.

Domingo de Páscoa arribaram Luciano Pereira, Edma Satar, Tiago Mota (Gorreana). Depois, Carlos Teixeira (Okanagan, British Colúmbia, Canadá) e o jovem escritor, descendente de açorianos da Lomba da Maia, Anthony de Sá, mais a pianista residente, a Ana Paula Andrade.

O Brasil, de Santa Catarina, não é só feito de praias divinas, este país vive numa burocracia napoleónica como Portugal já teve. Apesar do progresso e competitividade em áreas de desenvolvimento económico, é um Brasil da Polícia Militar, omnipresente, tal como as suspeitas de corrupção e nepotismo em cada canto. Diga-se, a propósito, que os prefeitos nos apresentaram as primeiras-damas com cargos executivos, era demasiada coincidência. Aprenderam a lição de Portugal, disse com os meus botões. Quem exerce o poder, a qualquer nível, fá-lo de forma discricionária e despótica sobre os pobres e desvalidos que se lhe têm de submeter sob risco de perderem mordomias ou meros apoios a candidaturas. Uma intrincada teia de interesses que o poder tece e que ameaçou implodir em pleno seio dos Colóquios. Ou, como a Helena diz, este povo não só faz telenovelas, vive-as a cada minuto. Isto é perigoso, pois funciona no sistema teia de aranha que a todos enleia antes de os devorar na intrínseca fome de protagonismo.

Nada disso busco, já tive muitos 15 minutos de fama, como diria o Andy Warhol. Estas guerras da manjerona deixavam-me agastado em terras onde seria sempre estrangeiro, apesar da vovó brasileira e da família que ali vive.

Um mês passado, recorro as paisagens, a costa, os mares calmos, a neblina ao amanhecer e os magníficos pôr-do-sol. A herança açoriana, eles sentem-na e defendem com unhas e dentes. Aparte uma ou outra casa de “tipo açoriano,” qualquer que seja a definição, encontrei o sentimento de pertença aos Açores. Este sentimento, já o disse no CrónicAçores, é peculiar quer estejam no Canadá, EUA ou Brasil. Todos se afirmam mais açorianos do que os açorianos.

#### 468. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 5- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 468.1. EVOCAÇÃO DA MÁTRIA, 14º COLÓQUIO, CRÓNICA 84, JUL. 2010

*Sobrevalorizo as memórias de infância. Durante anos fui fiel admirador dos mares e adamastores, da sua imensidão, mistério, sortilégio e temor. Evocava a História Trágico-Marítima que tanto me marcara no liceu, quando me identificava com os pobres cativos e naufragos abandonados em terras hostis de cafres gentios, sem imaginar que eu mesmo naufragaria no Oriente. Nesta fase mais madura da vida, prezo as vagas das serranias transmontanas banhando as dunas de montes e fragas. Se as águas do mar do norte eram gélidas todo o ano, não menos frias as montanhas de Bragança, onde as marés vivas surgiam com grandes nevões de dezembro a fevereiro, pintam alva a paisagem, autêntico estudo de paletas de cor durante o ano.*

*Contraste com o verde eterno que descobri nos Açores, onde o mar se assenhoraria de mim. Omnipresente em todos os lados da ilha, sempre a lembrar-me que a terra que piso é um mero oásis no meio do deserto de ondas alterosas nas inverniais insulares. Olhando em volta, estou rodeado da beleza verde perene que até causa náuseas. E agora que estou mesmo rodeado de mar por todos os lados, posso, de novo, sonhar com os montes. Curiosamente, cresci e amadureci a olhar o oceano, embevecido, apaixonado pelas ondas, seus movimentos, todo um ciclo lunar que me fascinava e me deixava embalar enquanto escrevia poesia. A lua, as marés, faziam parte do ciclo vital. Era no mar que encontrava a paz interior e a calma para resolver as contradições internas e os amores incorrespondidos. Com os anos voltei-me para o campo e montanhas que me propiciam a paz interior e a acalmia de que carecia para me concentrar.*

Foi assim que em *Bragança (2002)* recomecei a escrever e nos *Açores (2005)* olhei com saudades transmontanas, para a terra tremida, montes e vacas alpinistas e desabrochou a veia croniqueira.

*Em outº 2006<sup>6</sup>, voltei a Bragança para mais um Colóquio da Lusofonia (6º). Senti uma sensação estranha a preencher o vazio interior. Na rua o ar fresco, muito seco da cidade. 16 ºC. Não chovia e fui a pé até ao restaurante Poças, local privilegiado de almoços e jantares, guardado no baú mítico das memórias desde os anos 60, bem antes de ter saído rumo aos Orientes exóticos e à Austrália. Na manhã seguinte caminhei até ao Café Torre da Princesa, porto de abrigo durante os anos que ali vivi. Revi os donos. O João quis lá ficar com o amigo luso-suíço Stefan. Depois, visitei uns primos direitos do avô materno, com 83 anos, satisfeitos por serem lembrados (faleceriam com Alzheimer, num lar, em 2015).*

E foi então, nesse dia, a metros da que fora a minha casa, nas “Varandas do Sabor,” na avenida do mesmo nome, frente ao castelo e ao presépio da colina de S. Sebastião, senti um apelo inesquecível. Senti-me transmontano dos quatro costados, apesar do pouco tempo a viver na região.

*Não sabia dizer, mas lembrar-me-ia do instante exato, lusco-fusco, senti a picada no coração, a dor profunda de alegria. Tinha encontrado as raízes. Senti os pés pesados colados ao solo.*

Uma experiência como a que se sente quando se está apaixonado pela alma gémea para partilhar o resto da vida. Como alguém disse, a pátria não é o lugar onde nascemos, mas o lugar onde o coração habita. Ali estava bem visível. Descobri-a sem a procurar, instantânea e espontaneamente nas origens e raízes. *Bragança* mátria. Que disso não restem dúvidas. Jamais senti um apelo emocional tão forte, em parte alguma. Estou mais apegado àquela terra do que imaginei. Inenarrável sentimento. Não se descreve a quem nunca o experimentou. Sentimentos não se partilham em palavras. Para os que têm pátria ou sempre pertenceram a um local, de nascimento, trabalho ou necessidade, esta noção não se explica.

*Para os apátridas, sem bússola geográfica a marcar o ritmo de pertença, é fácil entender o que se disse. Um dia, tentarei explicar a afeição. Não se define. É inexpressável. Há muito que Sydney era a base terrena. Jamais sentira, antes deste momento mágico, um sentimento de pertença. Tal como o pai, que dizia ser de Afife, nascido no Porto, sempre me afirmei cidadão australiano, mas agora quando me perguntarem, direi TRANSMONTANO. De Bragança.*

Nem de propósito li, no jornal que alguém radicado em Castelo Rodrigo há anos, dizia sempre “*Quando me perguntam donde, digo que sou donde está o coração.*” De facto, em Bragança ficou a alma. Podia ser habitada por nazis, espanhóis invasores, extraterrestres ou pelos maiores inimigos, sempre a sentiria minha. Essa sensação não se apaga, nem se limpa com lixívia, que para sentimentos não há branqueador que chegue.

*Nada disto sinto em relação ao Porto onde vivi um terço da vida. Turisticamente, a Ribeira e a Foz do Douro espantosas em dia de borrasca, atraentes no período estival. Já a medieval Sé e as velhas ruas do burgo me deixam indiferente, desbaratadas em vez de estimadas e recuperadas. O clima cinzento, gentes de sotaque desagradável e palavras vernaculares, incómodos, agrestes e vulgares para ouvidos sensíveis. Pessoas macambúzias, preocupadas com futilidades. Vi gente em casas da Câmara, com carros novos, a almoçar e jantar em restaurantes e marisqueiras. Vidas sem um só livro. Mas gabavam o último modelo de telemóvel e TV de plasma.*

Jantamos no Poças (pronunciado Pôças, assim como Sabor é pronunciado Sábôr). A minha mulher reencontrou ex-alunos do Politécnico de Bragança, habituais voluntários do secretariado. Sempre alegres e contentes por a verem, sem que persistam elos de professor e aluno. Contaram projetos adiados e os já realizados. Histórias de conquistas e derrotas. O percurso de cada um que só se conta aos amigos. Tudo isto fazia uma pessoa sentir-se bem. Parecia que sempre os conhecera. Nem fui professor deles, embora tivessem assistido a palestras que dei na ESE.

*Fomos ao dentista, relojoeiro e sapateiro, num ritual de repetir quotidianos. Recriei rotinas que já não eram. Reminiscência de tempos felizes, quando sonhei permanecer ali até ao fim dos dias. Repeti atos singelos como se nunca me tivesse apartado das calçadas, das casas com histórias centenárias. Idealizava que saíra dias antes e ora estava de regresso. Vinham recordações do tempo em que ali vivi. Não tinha a ver com pessoas, antes com o ar que respirava, a memória das pedras, das casas, do Castelo, o nascer e pôr-do-sol, o calor, o frio e a neve, trovoadas, os sotaques e a memória de tempos ancestrais que não vivi, mas que sentia como meus.*

Passei hora e meia na feira, comprei fatos, sapatos, camisas, e o que a mulher e filho necessitavam. Na primeira tenda disseram que lá tinha comprado calças. Noutra, reconheceram o casaco. Rapidamente me enrouparam como novo. Se bem que fizesse compras, nas feiras trimensais não esperara ser recordado pelos feirantes, quinze meses depois. Fui denunciado pela roupa.

*Encomendei no açougue, as típicas alheiras de fabrico artesanal, cuja falta sinto em S. Miguel. Na Austrália deliciava-me com os enchidos húngaros. Evoco com saudade o tempo em que a avó, tias-avós e primas em outubro enviavam alheiras; na Páscoa, folares e bolas de carne; e no verão, compota de ginjinha. Seguiram-me para Timor e Macau, Austrália não (ali não entrava comida estrangeira). Ainda sentia no palato o sabor distinto, que sempre me acompanhara como um cordão umbilical. paladares e odores que nunca se apagam do subconsciente.*

Vi casas renovadas na urbe e Cidadela. A cidade galante, aprazível e bela. Paisagem até onde a vista alcança na Serra de Sanábria e nos montes do Parque Natural de Montesinho. No Largo do Tournal idosos repetiam tradições centenárias, agora que já não se mercadejava gado no local, ocupado por delegações bancárias e outras. Estavam em amena cavaqueira como haviam feito durante um século ao deslocarem-se das aldeias para a feira (3, 11 e 22 de cada mês). Recriavam a memória coletiva de um povo para quem as várias mudanças de local da feira e o progresso urba no pouco ou nada representavam, pois sabiam qual o lugar que ocupavam.

A parte de cima da Avenida do Sabor, ora denominada Cidade de Zamora, esventrada com modificação de passeios e eixos viários. Decerto a embelezaria mais. Não conhecia obras há quatro décadas, desde que fora rasgada como última saída, rumo ao reino vizinho onde se ia ao supermercado ou meter gasolina mais barata. Proveito que sobrava para os espanhóis além de despertarem ódios antigos e rivalidades, nunca extintas na reconstrução da independência de Portugal, mas hoje esquecidos nas zonas de fronteira, onde cada país era uma extensão do outro.

Se bem que nalguns locais não se note diferença entre a fronteira que os homens marcaram e as pessoas que lá habitavam, como Rio de Onor, noutros a fronteira era um inconveniente, memória de contrabandos e de perseguições da Guarda Fiscal e da Guardia Civil. A história comum das gentes da raia era



feita de famílias unidas ancestralmente pelo matrimónio, por interesses comerciais e o apoio mútuo que substituiu a atenção que as capitais dos dois Reinos não prestavam às gentes esquecidas naquele interior profundo de ambos os países. Surpresa foi ver o sonho antigo da *Ponte de Quintanilha* erguida por entre vales e montes.

*Acabara a ridícula descontinuidade do IP4, pela estreita estrada de montanha, 6 km até à fronteira. A ponte completa e inaugurada em 2009. A autoestrada chegaria, dera os primeiros passos com o túnel do Marão nas entranhas da serra (2009) antes de uma providência cautelar a parar seis meses. As obras iam progredindo em 2010 como ouvi na rádio que escutava na Internet a 1800 km de distância nos Açores, embora parassem por três anos até serem retomadas em finais de 2015, sendo inaugurado em maio de 2016. Continuo a escutar matinalmente os programas radiofónicos da região para fingir que faço parte da quele rincão.*

O passeio levou-nos a Miranda, sempre bonita, limpa, recuperada. Receção com a Capa de Honras na Câmara. Visitas ao Museu, Biblioteca e Centro Cultural, fora de horas, partilharam o orgulho mirandês que falta ao resto do país.

Nota negativa para a velha funcionária da Sé que não nos deixou visitar a Catedral. O clero consegue ter destas simpatias. Talvez fosse a mesma megera que há anos fizera outra proeza. Desde 1980 que não fotografava o Menino Jesus da Cartolinha (não me deixava, vá-se lá saber porquê). Iria finalmente fazê-lo em 2008. Os dias passados na voragem da descoberta da mátria chegaram ao fim, hora de fazer as malas. O João delirando de alegria por rever o melhor amigo e a aldeia dele, Babe. Sem hipóteses de voltar na atual conjuntura.

#### 468.2. RESCALDO 14º COLÓQUIO, 2010, CRÓNICA 85 - 7 OUT.º 2010

Não imaginei ao convidar em 2008 (a primeira vez) *Adriano Moreira* para o Colóquio que fosse doar o espólio a *Bragança* e jamais esperei que quisesse ser convidado em 2009 (Bragança e Lagoa), mas daí a termos o *Centro Cultural* e praça com o seu nome, vai uma grande distância.

*Que me perdoem os que discordam, sem simpatizar com os seus ideais sempre o achei um político brilhante, refulgente na oratória de cultura vasta, longe estava eu de o querer ser motivo de controvérsia para a autarquia. Convidei-o por se tratar de uma figura notável que poderia crescer mais-valias, mas daí a ser a causa do batismo de centros culturais e outros vai uma grande distância. Grato fico pela doação do seu espólio que constituiu um enriquecimento do património cultural local, mas haja tento na retribuição. Um dia contarei a epopeia da chegada dele em 2 outubro 2008. Garanto que não convidarei mais nenhum membro do antigo regime. Caso contrário ainda mudam o nome da terra. Pela parte que me toca, ao manter ao longo destes oito anos, os Colóquios, trazendo grandes académicos da Língua Portuguesa, servi de contributo para colocar a ancestral Bragança como capital da Lusofonia.*

Infelizmente, desde a primeira hora, as gentes da terra ignoraram a iniciativa, quando não a boicotaram, mais ou menos ostensivamente. É pena, foi inteligente a aposta da autarquia de apoio aos Colóquios, que há muito têm o nome e o logótipo como marca registada. Iremos perseverar para que continuem a representar o escol da língua, literatura e cultura lusófonas. Aqui cresceram: são voz incómoda que martela incessantemente a necessidade de lutar pela Língua de todos nós, Acordo Ortográfico, tradução de obras, ensino de português no mundo.

*Pena foi que, apesar do protocolo com o Instituto Politécnico de Bragança, este nunca soubesse aproveitar as sinergias do evento. Ao longo destes anos trouxemos poesia, música e literatura de vários cantos do mundo, estabelecendo pontes que, de outro modo, não existiriam, mas foi sempre um movimento unilateral. Este ano no 13º Colóquio no Brasil, de Bragança apenas foi o meu coração. Propusemos geminações, delegações e representações, mas nada aconteceu. É assim com as gentes de cá que não estão habituadas a receber sem nada se lhes pedir em troca. Pela parte que me toca, Bragança é e será sempre a mátria, o húmus onde as raízes medraram e onde a minha existência melhor se explica, a terra dos ancestrais e património dos descendentes. Sei que a minha mulher não terá ciúmes desta declaração de amor, pois apreciou muito cá viver os poucos anos que a vida profissional lhe proporcionou.*

Aqui germinaram, com o anfitrião, Eng.º *António Jorge Nunes*, inúmeros projetos dos Colóquios que fizeram *Bragança* culturalmente mais rica do que era quando saí de Portugal em 1972.

O projeto (<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/MUSEU%20BRAGANCA.htm>) do Museu da Lusofonia parece definitivamente descartado pela autarquia que não respondeu a nenhuma solicitação, desde outubro 2009, sobre o cronograma e modelo da sua criação. Idêntico projeto para os Açores não será viável.

Dos 6 dias em *Bragança* (27 setº - 2 outº) ressalta a elevada qualidade científica duma trintena de oradores, a presença da *Academia Brasileira de Letras*, *Academia das Ciências de Lisboa* e *Academia Galega*. O Colóquio teve início simultâneo na *Galiza* e *Braga* a 25 setº. Na *Galiza* teve lugar o IIº *Seminário de Lexicologia* e em *Braga* o *Curso Breve de Açorianidades e Insularidades* sob a direção da *Rosário Girão* o culminar do projeto dos Colóquios de há dois anos.

Após a abertura foi notada a ausência de público local e a fraca adesão das instituições locais. Muito proveitosa foi a Sessão de Esclarecimento dia 29 setembro com a Escola Secundária Miguel Torga, sob a direção da colega *Cecília Falcão*, onde centenas de alunos e professores se desdobraram em duas sessões para ouvirem os patronos *Evanildo Bechara*, *Malaca Casteleiro* e *Concha Rousia* da AGLP, sobre o Acordo Ortográfico 1990, e os escritores convidados *Anabela Mimoso* e *Vasco Pereira da Costa* e o Presidente dos Colóquios. No final, fomos agraciados com a medalha comemorativa do centenário de Miguel Torga e um livro alusivo ao mesmo. Obrigado à incansável *Cecília Falcão* promotora da iniciativa.

Outra sessão que mereceu realce foi a de Poesia onde *Concha Rousia* e *Chrys Chrystello* declamaram uma dúzia de poemas a que o poeta *Vasco Pereira da Costa* se associou. A sessão começou com a vídeo homenagem ao autor e a declamação do poema "Ode ao Boeing 747," em 11 das 14 línguas para que foi traduzido (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

A sessão do AO-1990, sempre interessante pela convicção dos patronos *Evanildo Bechara* e *Malaca Casteleiro*, foi notável pela revelação por *Rolf Kemmler* de que o Acordo está finalmente em vigor em Portugal desde setembro (Aviso nº 225/2010 Min.º dos Negócios Estrangeiros, Diário da República, 1ª série, nº 182 de 17 setº 2010).

Outra sessão interessante e de animado debate foi a da Literatura e Açorianidade, Homenagem contra o esquecimento a *Vasco Pereira da Costa* e *Cristóvão de Aguiar*. Saliente-se a cobertura jornalística, na abertura, fecho e sessões, das maiores de todos os 9 Colóquios em *Bragança*, além da RTP, a SIC esteve presente, bem como jornais e rádios locais que entrevistaram presentes e deram destaque aos representantes de *Macau* e *Malaca*.

Os primeiros *Cadernos de Estudos Açorianos* já estão disponíveis. A obra de *Álamo Oliveira*, *Cristóvão de Aguiar*, *Dias de Melo*, *Daniel de Sá*, *Vasco Pereira da Costa*, *Urbano Bettencourt*, e outros, está a ser estudada em mestrados e doutoramentos na *Universidade de Constanza*, *Roménia*, e *Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Faculdade de Novas Filologias da Universidade de Varsóvia*, *Polónia*, havendo parcerias para a tradução de "O Passageiro em Trânsito" de *Cristóvão de Aguiar* em *Italiano*, *Francês*, *Romeno*, *Polaco*, *Russo*, *Búlgaro* e *Eslveno*.

#### 469. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 6- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 469.1. ÁSIA RECEBEU OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA, 12 ABR 2011

Havia em mim uma reencarnação do *Dragão* oriental, um dos quatro animais sagrados convocados por *Pan Ku* para a criação do mundo. É um misto de animais místicos: *Olhos de tigre, corpo de serpente, patas de água, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa*. Simboliza a sabedoria e o Império, com as suas quatro patas.

Há uma noção que convém reter: nunca nos seus séculos de existência deixou Macau de fascinar e de marcar indelevelmente os que ali passaram (como comigo, 1976-1982). Aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade. O poeta devaneia, deus dispõe e o homem executa, estas poderiam ser as palavras que definiriam a gênese deste 15º Colóquio.

Escreveu *Eduardo Lourenço* (falecido em 2020)

*“...os que lá foram para sempre e lá ficaram, há muito que era para o Ocidente a porta aberta e misteriosa para uma quietude capaz de nos curar do nosso demoníaco desassossego. Mas foi a chegada que a converteu para os outros em lugar de todos os sonhos e fantasmagorias. Para nós, todas as viagens são viagens.”*

Assim se explica que este 15º Colóquio tenha chegado não numa nau, mas nas asas desse sonho a que chamam Lusofonia, palavra que etimologicamente, significa fala dos lusos, todos, quantos, falando a língua de *Camões*, sentem que algo têm em comum, de idêntico, mas também de diferente dos outros. *Esta definição será sempre um diálogo na secular língua, incluindo os países de língua oficial (e regiões onde a língua é de património e abarcando os que nela trabalham, mesmo que seja língua segunda). Esta Lusofonia teve raízes nos sécs. XV e XVI, quando era a língua de comunicação em todo o mundo. Irmanava povos distintos dos quatro continentes e tornava possível a mercancia. Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.*

Com essa língua se criaram comunidades que mantêm os crioulos e a identidade herdada. Com essa língua se casaram e nasceram muitos dos que dela descendem. Os séculos passaram, a influência política desvaneceu-se e os laços religiosos foram irremediavelmente cortados, mas os crioulos de Português perduram como herança universal.

Falta muitas vezes aos Estados a visão, o amor e a dedicação pela língua e cultura. Governos e governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores, tal qual a população de *S. Miguel*, está sempre de costas para o mar, e outras não vivem sem ele, como o *Pico*.

*Foi com a percepção da herança ancestral da língua que o Instituto Politécnico de Macau, através dos professores James Li (Changsen) e Choi Wai Hao, teve a visão de ajudar a trazer este Colóquio até Macau, patrocinando-o, reunindo vasto leque de especialistas em várias áreas do conhecimento. Tivemos em Macau representantes dos quatro continentes. Bem hajam por terem tido a sabedoria, de reconhecer a capacidade dos Colóquios e permitirem a partilha imensamente rica da qual esperamos possam frutificar arrojados projetos para anos vindouros.*

Normalmente, o oriente veste-se de magia para os ocidentais e Macau acaba por ser mais esotérico nas concepções que dele se fazem fruto de autores que dele fizeram a sua base terrena. Ao contrário de Vasco da Gama não buscamos o caminho marítimo, antes nos deslumbramos com o que foi feito em Macau nos dez anos de regresso à soberania chinesa. Na saga dos navegadores arribamos aos Açores em 2005 para debater a identidade açoriana, escrita, lendas e tradições.

*Em 2008 tivemos o escritor da baleação, o picaroto Dias de Melo e o micalense Daniel de Sá. Em 2009, foi o prolífico Cristóvão de Aguiar, convidado na Lagoa e Bragança. Para 2010-2011, Vasco Pereira da Costa, sete anos Diretor Regional da Cultura, fugazmente substituído pela Ministra da Cultura, Dra. Gabriela Canavilhas, presente no 11º Colóquio. Nesta porfia por repor os escritores, de matriz açoriana, no pantão, existem outros para estudar, ler, divulgar e traduzir como já acontece nas Universidades de Portugal, Brasil, Roménia e Polónia, graças à colega Rosário Girão.*

Todos ajudaram a prestar a justa homenagem a *Vasco Pereira da Costa*, escritor convidado. Vieram exemplares das suas obras para que sejam lidos e traduzidos. Os temas escolhidos para 2011 retratam bem a posição dos Colóquios, como construtores de pontes lusófonas entre as *Américas, do Brasil ao Canadá, Açores, África, Europa e a China*. Sempre houve açorianos em *Macau*, foi daqui que o chá partiu para *S. Miguel*, onde existem as únicas plantações europeias.

Além das palestras científicas, houve música, teatro e poesia de *Macau, Açores, Galiza e Brasil*, graças ao apoio da RAEM e patrocinador, Instituto Politécnico de *Macau*. Além da viagem e estadia, concedeu apoio logístico à comitiva, e estadia e alimentação dos restantes num gesto magnânimo raro quando todos clamam crise para se escusarem a apoios culturais. A comitiva inclui representantes das três Academias de Língua Portuguesa e dos seguintes países e regiões: Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Espanha, EUA, Galiza, Gana, Malaca, Moçambique, Portugal e Rússia.

Um grupo de quarenta pessoas partiu de vários pontos, para muitos seria um batismo enorme intercontinental e intercultural, para outros um regresso a uma terra que partilharam com sonhos e projetos vários. A longa viagem começou pelas 12:00 dia 9 em *Ponta Delgada* terminaria em *Macau* dois dias depois, pelas 16:00 horas locais dia 11 (08:00 PDL) para 31 viandantes que se juntaram em *Lisboa*. Sem perdas de bagagem, fomos recebidos no cais pelos representantes do *IPM* e transportados ao luxuoso *Rio Hotel & Casino Macau* onde ficamos dez dias a escassos metros do *IPM*. De manhã teve início, com pompa e circunstância, o 15º Colóquio, com espetáculos musicais de danças e cantares portugueses interpretados por chineses, aprendizes de português há meros seis meses. Seguiu-se o Cancioneiro Açoriano pelas mágicas mãos da pianista *Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada* e a jovem soprano *Raquel Machado*.

Depois das sessões do AO 1990, visionou-se um documentário sobre o patuá de *Macau* seguido do primeiro banquete, oferecido pelo *IPM*, com laivos de corte imperial chinesa: 15 pratos e seis entradas, deixando os presentes de olhos e estômagos plenos de imagens e sabores. Momentos inesquecíveis a antever a hospitalidade oriental e protocolos rígidos, a que todos aderiram. Seria difícil igualar a receção e as honrarias conferidas aos 48 participantes.

O segundo dia começou com o calor habitual 24-29 °C e humidade elevada, fazendo crer que *S. Miguel* nos Açores era seco. De manhã, o roteiro cultural pela *Macau* antiga, organizado pela *Rosário Girão*, em homenagem a *Henrique de Senna-Fernandes*, com início na lendária Gruta de *Camões*, onde num momento de magia inolvidável, se declamou poesia de *Macau, Galiza, Brasil, África, Açores* com as vozes de *Vasco Pereira da Costa, Chrys, Concha Rousia e Luciano Pereira*, ao som de fundo do *Lian Gong* (a ginástica matinal chinesa), frente à Gruta. Depois, a visita ao excelente Museu de *Macau*, à reprodução dos modos de vida, fachadas típicas da construção luso-macaense, e a obrigatória visita às ruínas da Catedral de *S. Paulo*, ex-líbris que o fogo quase consumiu na totalidade há mais de 200 anos. A visita terminou na Livraria Portuguesa onde se percorreram autores macaenses, e o banquete português com caldo verde, bolos de bacalhau, oferecido pela Fundação *Macau* no restaurante *Pinnocchio's* da *Taipa*, ora remodelado e com três andares em vez do andar térreo que conhecia da década de 1970.

As sessões da tarde dedicadas a autores macaenses e sessão especial na Livraria Portuguesa onde *Vasco Pereira da Costa, Anabela Mimoso e Chrys Chrystello* apresentaram novos livros. A sessão começou com a homenagem ao dono, jornalista *Ricardo Pinto*, pela colaboração dada a um programa mítico da rádio TDM em 1980 (*O Uisque e a Cola*, de *Chrys Chrystello*). Curtas apresentações, entrevistas e abalada para o Forte de *Mong Há* e Pousada para o banquete do Instituto de Formação Turística, com deliciosos pratos confeccionados pelos alunos.

A manhã do terceiro dia dedicada a autores macaenses, mais um banquete e homenagem a *Vasco Pereira da Costa*, e *Eduardo Bettencourt Pinto* (*Canadá*). Fomos ao Instituto Internacional de *Macau* celebrar um protocolo, palestra do ex-governador *Garcia Leandro*, banquete ao ar livre. Na última manhã textos dedicados a *Macau e Açores* estabelecendo as pontes que o Colóquio ia construir entre as insularidades da Lusofonia afastadas continentes e oceanos. *Ao almoço, banquete oferecido pela Direção dos Serviços de Turismo no luxuoso Hotel Lisboa Grand*.

Na sobremsa, a correr de volta para o *IPM* e celebrar o Memorando de Entendimento entre os Colóquios e o *IPM*, com a presença de todos os convidados e vinte membros da comunicação social, com a habitual troca de presentes e formalidades protocolares.

Seguiu-se a última sessão académica antecedendo agradecimentos, empenho de regresso, e promessas de lutar contra a extinção do crioulo. Por fim, o toque mágico da viagem pelo mundo lusófono musical com atuações de representantes da Lusofonia, da Índia à África e Ásia, com passagem obrigatória pelos Açores. Terminava de forma sublime e mágica deixando lágrimas nos presentes, desejosos de voltarem uns e outros ansiosos por aqui se fixarem. Os três dias seguintes, por conta de cada um, foram para visitar *Zuhai, Taipa e Coloane* depois da voragem consumista de compras de souvenirs da Rua das *Mariazinhas* e antecedendo o último dia dedicado a explorar à “*vol d’oiseau*” a enorme metrópole que é *Hong Kong*.

Dos luxos e iguarias não falaremos pois o profissionalismo e rigor científico foi a marca deste 15º Colóquio. A cidade do *Santo Nome de Deus*, dez anos após o regresso à pátria chinesa, fervilha de vida e de progresso. Parafraseando *Cristóvão de Aguiar* direi da Língua de todos nós:

*Amo-a sem o empecilho da palavra.*

*O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.*

*Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável,*

*como tão eloquentemente escreveu, em título de livro,*

*o Poeta Egito Gonçalves. Os poetas têm sempre razão!"*

*Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Pub. D. Quixote, 2004)*

É esse amor de poeta que nos trouxe a *Macau* para o maior Colóquio até hoje.

#### 469.2. MACAU SEMPRE RENOVADO

Deixei *Macau* em 1982 após seis anos na modorra ocidentalizada, entorpecida pela opiácea sonolência dos que ali viviam, sem rumo nem guia por parte da inócua administração portuguesa. Vim encontrar a cidade e ilhas pujantes de vitalidade, na voragem de progresso que se não compadece com o lento reviver de memórias passadas, mas as respeita e preserva para obter mais-valias e benfeitorias. A cidade fervilha de gente e atividade, incapaz de parar e se deleitar com glórias passadas e monumentos, na nova realidade de um país e dois sistemas, preservando muitos dos antigos encantos e acrescentando os traços inelutáveis da modernidade dos 30 casinos, motor e combustível de novas quimeras. Aqui, tem-se a sensação de que querer é poder.

*Quer na reconquista de terrenos ao Delta do Rio das Pérolas, que já duplicou a área do território, quer na busca incessante por atrações que lhe permitam ser a mais moderna e a mais antiga cidade na Ásia, Macau é a única que respeita a herança arquitetónica ocidental.*

A hospitalidade e a gentileza das gentes desvaneceram todos, encantando e tornando irrepetível o 15º Colóquio, desde os banquetes aos pequenos detalhes e atitudes pensadas na minúcia, como só as mentes orientais conseguem. Nada foi deixado ao improviso e tudo funcionou num rigor e pontualidade de fazer corar os britânicos. Em todos ficou a mágoa da falta de tempo para ver mais. Muitos voltarão para continuar a eterna aprendizagem. Isto apesar de não se ter em acostumado a olhar para o lado correto da estrada nas passeiras onde tinham de se precaver do ininterrupto trânsito (guia-se do "outro lado" em relação a Portugal).

*Por vezes receavam comidas que estranhavam, inacostumados a tentar o que é novo e desconhecido, preocupados em dominar a maestria dos pauzinhos sem perder os pitêus e iguarias que se sucediam a ritmo alucinante. Os Colóquios sempre primaram pela facilidade com que tornam desconhecidos em amigos e colegas e desta vez não foi exceção, criando-se pontes entre culturas, levando a que ateus visitassem compungidamente templos budistas, taoistas e outros, na busca incessante de respostas a questões fundamentais.*

Gostava de responder à Ana Dias, colega da TDM/RTP/LUSA que perguntou sobre o turbilhão de emoções que sentia, mas não pude nem sei. Uma controversa mistura de sensações, cores e dores. A emoção descontrolada de voltar aonde se não pensou, rever pessoas nunca esquecidas, afastadas pela lonjura, visitar passados, viver presentes, sonhar futuros, podia ser a resposta, mas nem estou certo de que o seja.

*Propôs-se à TDM (e outros) a realização de um documentário histórico sobre açorianos em Macau (ex.º D. Jaime Garcia Goulart, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. Arquimínio da Costa, D. José da Costa Nunes, D. José V. Albernaz, D. Manuel Bernardo Sousa Enes, D. Paulo J. Tavares, José Machado Lourenço, Prof. Silveira Machado.*

**(Nota: o projeto não obteve apoio local mas arrancou em papel nos Colóquios graças à persistência de Raul Gaião e de Monsenhor Ximenes Belo e daria lugar a dois livros).**

Criei vontade de voltar, viver a terra onde estive seis anos e arqueei no ficheiro perdido das memórias. Recuperar lembranças e criar referências futuras partilhadas com a mulher e filho mais novo. Lastimar as ruínas do (hoje decrépito) Hotel Estoril onde estive aboletado os primeiros meses da minha estada (em 2020, o anterior plano de recuperação foi abandonado sendo destinado a *Biblioteca Central*), apreciar as lagoas artificiais na Praia Grande em frente ao apartamento onde vivi 4 anos, hoje um prédio pequeno no meio de enormes arranha-céus.

*Perder-me na vila de Coloane, parada no tempo e nos templos, onde um grupo de jovens chinesas fazia poses em frente à montra da pastelaria dos Pastéis de Nata. Não visitei os casinos que desses as memórias são nefastas, mas revisitaria os prédios ora recuperados, pintados e revitalizados que os portugueses deixaram na incúria e desleixo de ocupantes ingratos da península. Havia de percorrer o Circuito da Guia em novo formato e remodelado lembrando as reportagens que lá fiz e os aceleramentos diários. Veria as ilhas em busca de lugares perdidos, reencontrar amigos na Macau que ficou gravada na memória dos que nos acompanharam.*

*Em 2011 foi a redescoberta da terra que mudara a soberania, nominalmente portuguesa para a pátria chinesa, mas mantinha autonomia, tornando-se nova Las Vegas. Com mais de 30 casinos, em vez de 4 ou 5, faturava três vezes mais do que a congénere no Arizona. A palavra de ordem era progresso, desenvolvimento, pontes, prédios, estradas, tecnologias de ponta e a preservação da língua portuguesa que tão descurada fora em mais de 450 anos de administração portuguesa. A preservação da língua foi um bónus económico com o intuito de implantação chinesa na África e Brasil. Vinha longe a inauguração da ponte HK - Macau, 55 km, inaugurada em 2018.*

#### 470. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 7- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 470.1. SANTA MARIA ILHA-MÃE - CRÓNICA 110. OUT.º 2011

Santa Maria e o 16º Colóquio da Lusofonia estavam peçados de incertezas, dúvidas meteorológicas, mas com a esperança de que fosse um sucesso. Chegamos à Ilha-Mãe depois do luxo oriental de *Macau* em abril, convictos de que também Santa Maria iria marcar indelevelmente pela sua beleza, sortilégio, hospitalidade e simplicidade. O Município de Vila do Porto teve a inovadora ideia de colocar este Colóquio no Roteiro Cultural do Turismo da ilha. As nossas sessões refletiam já a mudança de paradigma, havendo mais tempo para visitar e aprender, com Daniel Gonçalves, Daniel de Sá, João Santos e Joana Pombo para nos guiarem.

Visitei pela primeira vez o Museu em Santo Espírito, em 2006, e em longa conversa com o Diretor, João M Trindade Reis dos Santos, fui convidado a trazer os Colóquios. Cinco anos depois concretizou-se o sonho com patrocínio do município e apoio da Direção Regional da Cultura. Ao longo da vida, aprendi linguagens e culturas enriquecendo a bagagem que comigo transporto, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade. Assim se explica que o 16º Colóquio tenha chegado nas asas do sonho a que chamamos Lusofonia. Os únicos corsários que encontramos nos mares foram os que não reconhecem o valor dos Colóquios, e a necessidade da defesa intransigente da língua e cultura de todos nós. A nossa artilharia de mais de 200 milhões de lusofalantes, a Gramática de Evanildo Bechara, os Dicionários de Malaca Casteleiro e obras da novel Academia Galega da Língua Portuguesa foram suficientes para evitar a abordagem. Os monstros adama stores, para os quais nos haviam alertado, soçobraram com as primazias do Acordo Ortográfico de 1990 e foram juntar-se em triste carpideira aos Velhos do Restelo. E da ocidental praia Lusitana, por mares nunca dantes navegados, passamos além da Taprobana, em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificamos o Novo Reino da Lusofonia, que tanto sublimámos.

O poeta devaneia, deus concilia e o homem cumpre. Bem-haja o Município de Vila do Porto por reconhecer a capacidade dos Colóquios que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando. A Ilha-Mãe abre-se ao mar. As inquietas ondas apartando, os ventos brandamente respiravam, das naus as velas côncavas inchando; da branca escuma os mares se mostravam e a bandeira da Lusofonia se enfunando, as nossas naus não buscam as Índias, antes se deslumbram espalhando as palavras dos mestres Malaca e Bechara. Viemos prestar a justa homenagem a Daniel Augusto Raposo de Sá, nosso convidado e o escritor micalense mais mariense. Parafraseando o grande vate Luís Vaz de Camões termino dizendo

*Tão brandamente os ventos os levavam,  
Como quem o céu tinha por amigo:  
Serenos o ar, e os tempos se mostravam  
Sem nuvens, sem receio de perigo.”*

É este espírito que nos trouxe à Ilha-Mãe. Bem-haja o Município de Vila do Porto.

#### 470.2. MANIFESTO AICL 2012, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

O 17º Colóquio na Lagoa foi um sucesso com mais de 5 dezenas de participantes.

Na Homenagem contra o Esquecimento presentes: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA), Eduíno de Jesus, Daniel de Sá, Viúva de Fernando Aires, Dra. Idalinda Ruivo Medeiros de Sousa e filha Maria João Ruivo de Sousa (S. Miguel); Vasco Pereira da Costa e Joana Félix (Poetisa, filha de Emanuel Félix) (Terceira); Urbano Bettencourt (Pico), Isaac Nicolau Salum (Brasil, descendente, presença da filha Mª Josefina Salum).

Foi lançado o 14º Caderno de Estudos Açorianos dedicado a Mª de Fátima Borges, e um MANIFESTO da Lusofonia em tempo de crise. Houve poesia açoriana, um recital do Cancioneiro açoriano com Ana Paula Andrade e duas alunas (flauta e viola da terra). Igualmente atuou o grupo musical infantojuvenil Velvet Carochinha (EBI Maia) na abertura no Convento dos Franciscanos onde estiveram o secretário do Governo Regional, Dr André Bradford (falecido em 2019), o Presidente da Câmara Municipal da Lagoa, os patronos dos Colóquios, Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras), Concha Rousia (Academia Galega) e o escritor moçambicano João Craveirinha em substituição da Dra. Maria de Jesus Barroso (por impedimento médico).

Foram apresentadas 3 obras literárias, uma mostra de livros açorianos e duas representações do grupo Teatro & Cia do Rio Grande do Sul.

A AICL, preocupada pelas recentes decisões que põem em causa a continuidade da Língua e Cultura, apresentou ideias que visam um estímulo económico. Perante a existência de estudos que apontam a importância do setor de 17% do PIB e dado que Brasil e Portugal são os que reúnem melhores condições, fica a ressalva de que se deverão juntar os países da CPLP quando estiverem dispostos a fazê-lo sem receios de Quintos Impérios e neocolonização cultural.

1.º. Buscar consensos entre os governos do Brasil e de Portugal para que reforcem e lancem cursos de língua portuguesa – presenciais e online, nas vertentes de 'Português Língua Materna' (PLM) e 'Português Língua Estrangeira' (PLE). Deve ser utilizada uma nova fórmula de conservação e propagação da Lusofonia a nível mundial, como até agora não foi proporcionada quer pelo Instituto Camões quer pelo Instituto Machado de Assis e a CAPES, em três vertentes:

- a) aprendizagem e melhoramento da língua portuguesa como PLM ou PLE
- b) literatura lusófona e
- c) ciências de tradução

Dever-se-á utilizar o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) CPLP e o apoio de universidades e politécnicos dos dois países.

**Justificação:** Os cortes, por parte do Governo português, no ensino de PLM, e os escassos apoios à divulgação da Lusofonia através de cursos de PLE, têm-se mostrado sumamente prejudiciais ao cultivo da Lusofonia em países não-lusófonos. Como fruto da política de abandono, não só acaba por ser posta em questão a capacidade dos filhos de emigrantes portugueses de comunicar de forma adequada em todos os níveis na língua materna, mas também a aquisição da língua portuguesa nos países não-lusófonos onde a maior ausência do Instituto Camões tem servido como justificação de eliminação de cursos de português. No Brasil, dá-se semelhante abandono do ensino de PLM e PLE nos países não-lusófonos. Apesar da existência do Programa de Leitorado nalgumas universidades em países não-lusófonos, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a rede é reduzida e fica longe de atingir a importância que caberia ao Brasil numa escala internacional. Não existe rede de ensino de PLM aos filhos de cidadãos brasileiros residentes no estrangeiro.

2.º. Buscar apoios de academias nacionais de língua existentes, da CPLP, e demais instituições para contribuírem para este projeto a abranger todo o mundo onde haja lusofalantes e interessados na aprendizagem da língua.

**Justificação:** No mundo lusófono existem várias academias que se dedicam ao cultivo e à normalização da língua portuguesa, nomeadamente em Portugal a Academia das Ciências de Lisboa (ACL), no Brasil a Academia Brasileira de Letras (ACL), a Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL) e na Galiza a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). Para um projeto que visa fortalecer o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa em todo o mundo, consulta e o apoio por estas organizações é uma mais-valia, indispensável.

3.º. Criar 500 bolsas de estudo anuais dedicadas a estudos relacionados com a Lusofonia para que estudantes oriundos de países de todos os continentes possam frequentar universidades brasileiras e portuguesas.

**Justificação:** De acordo com as capacidades financeiras dos países envolvidos, o Brasil disponibilizaria 350 bolsas e Portugal 150 para os melhores alunos dos cursos referidos em 1. Terminada a presença no país de acolhimento, os bolsеiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos países de origem. A atribuição das bolsas pode funcionar de forma semestral (p. ex. estudantes de licenciatura), anual (p. ex. estudantes de mestrado) ou plurianual (p. ex. para pós-graduação).

4.º. Convidar as editoras de Portugal e do Brasil a criar uma bolsa de edições a promover em todo o mundo as obras dos maiores vultos da escrita de cada um dos países lusófonos, as quais seriam disponibilizadas nos vários países.

**Justificação:** Uma vez que a unificação da ortografia permite a divulgação do mesmo texto em vários países, a disponibilização das obras literárias mais representativas de cada país aos outros países não só facilita o acesso recíproco a todas as literaturas lusófonas, mas permite a publicação de edições que poderão entrar em vários mercados livresiros.

5.º. Criar antologias bilingues para a disseminação de obras lusófonas e promover a sua distribuição nos países onde o português é ensinado como língua estrangeira.

**Justificação:** À semelhança da Antologia Bilingue de Autores Açorianos (2011), o fornecimento de antologias bilingues de textos literários de referência pode tornar-se indispensável numa primeira aproximação a textos portugueses por parte de estudantes estrangeiros e falantes da respetiva língua em que a antologia foi publicada.

6.º. Criar o interesse por autores lusófonos, através da disponibilização gratuita em linha de excertos de obras suas.

**Justificação:** Desde que se trate de obras isentas de direitos de autor ou publicadas com consentimento dos autores, a divulgação de textos de forma digital, tal como nos Cadernos Açorianos, tem-se mostrado muito benéfica por ter atraído bastante interesse por parte dos utentes.

7.º. Evitar que as burocracias ministeriais e governamentais impeçam a imediata consecução deste projeto, pelo que deve ser nomeada uma comissão de sábios para definir em detalhe este projeto, cronograma e custos.

#### 470.3. CRISE DE IDEIAS - LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPO DE CRISE

Em minha opinião, a crise de Portugal é de ideias, de líderes, de pensadores, aliada ao capitalismo selvagem, neoliberalismo, que desde 1990 tomou conta dos meios de produção globais e manipula os governos do mundo ocidental. O país precisa dos seus «sages» para usar um termo francês, em vez do habitual “pensadores ou filósofos.” Um Conselho de Sábios, para vencer a crise e sair da podridão da partidarite, viciada em cunhas, nepotismo e esquemas de corrupção.

Teríamos de estabelecer consensos alargados e um plano de mudança e ação, a muito longo prazo, e buscar a força e iniciativa dos mais jovens para as levar a cabo.

Não devemos deixar que o país se perca na atual insignificância, quando grande parte da sua história foi feita de grandes homens que se sobrepuseram, pela sua visão,

a gerações de séculos de Velhos do Restelo que hoje guiam os filhos e netos para uma subserviência e dependência total ao grande capital internacional sem esperanças de uma vida melhor.

Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial ou à criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas sobretudo intelectualmente deficientes. A receita universalmente seguida é a da ignorância, em que quase todos vivem, aliviada com um voyeurismo exacerbado em Big Borel (perdão Big Brother) e quejandos, e outras telenovelas que a TV projeta incessantemente nas horas poucas de lazer. Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar paixões e ventilar frustrações recalcadas e temos o caldo mágico para as gerações futuras. Um sistema educacional e cultural forte seria a base para partirmos para o futuro em que ainda acreditamos.

Temos exemplos de gente excepcional, a maioria emigrou e faz carreira no estrangeiro. Alunos que não se contentaram com a mediocridade e brilharam sem se deixarem enredar na modorra anquilosante. É esta exceção que traz esperanças. A minha geração e, antes, a dos nossos patronos, foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis. Havia trabalho, mal pago, e a esperança de que fosse reconhecido pois as promoções eram a pulso na longa escalada. Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua. Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética. Líamos, debatíamos, estudávamos e continuávamos a aprender toda a vida. Nada era fácil.

Hoje constata-se que nas últimas décadas tudo se fez para destruir o tecido escolar, com a facilitação a forjar estatísticas, programas para ninguém ficar para trás, a redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias, o esquecimento a que a História foi votada pois os antigos eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia para evitar levar os jovens a pensar e os maus tratos dados à Língua Portuguesa. Uma vasta gama de professores incultos para uma maioria de alunos analfabetos funcionais, incapazes de compreender ou debater o que leem.

Perdoem a curta digressão para explicar o que pretendo. Os autores que estudamos foram substituídos para que não seja possível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo ou para compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como a de Lisboa na época. O Cenáculo era uma reunião permanente de jovens em casa de Antero, todos tinham ali os melhores livros, notas, provisões de princípios e de tabaco. Cada um possuía conhecimentos profundos sobre, pelo menos, uma das ciências base que são a matriz do conhecimento: física, química, matemáticas, filosofia, direito, história e linguística.

Quando Antero regressa do estrangeiro pleno de ideias e leituras é como a vinda do Rei Artur à Corte de Camelot. Nasceram as Conferências do Casino, cheias de romanescas efervescência intelectual de cultura europeia, de fervor revolucionário. Essa geração tentou trazer algo de novo à cultura, debatendo o Estado da Nação. As Conferências do Casino podem considerar-se um manifesto de geração, cinco palestras em Lisboa pelo grupo do Cenáculo formado, pelos da Geração de 70. A 18 maio 1871 foi divulgado o manifesto, já anteriormente distribuído em prospectos, assinado pelos doze nomes que tinham intenções organizadoras das Conferências. Vivemos uma encruzilhada como a da Geração de 1870 e das Conferências do Casino, sendo a enumeração de problemas semelhante à de então. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da língua portuguesa, linguística, literatura, história, também constituímos um grupo heterogéneo unidos no que nos é comum, a língua de todos nós. Não esqueçamos que Wittgenstein disse que o limite da nossa nacionalidade é o limite do nosso alcance linguístico. Os Colóquios são a prova insofismável de que tudo é possível desde que se dê liberdade às pessoas para criarem projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a fala comum: no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua e suas variantes.

Defendemos a identidade, em prol da variada língua comum com todas as variantes e idiossincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem. É no nosso seio de oradores e patronos, que nos podemos afirmar como plataforma de arranque de uma congregação de um Conselho de Sábios e de jovens cultos e dinâmicos para pensar e agir rumo ao futuro sem nos deixarmos abater pelo negativismo da crise que visa embolar a nossa capacidade de realização. Os Colóquios são prova da vitalidade que a sociedade civil atuante pode ter quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como os que dão vida aos nossos projetos. Resta que se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a todos e aos governos dos países de expressão portuguesa e que este sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

PARA TERMINAR INTERROGAMOS: Quanto vale um idioma?

A língua portuguesa numa prateleira de supermercado, estaria num nicho. Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), mediu essa grandeza, e 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à língua portuguesa. -É um percentual interessante, analisa Carlos Reis (Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até 2011, jubulado em 2020). O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações económicas que exigem uma dada língua, descarta atividades que podem ser exercitadas por outra nacionalidade ou competência linguística. O ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Há ainda as indústrias ligadas a fornecedores de produtos em português, como a administração pública, e as que têm forte conteúdo de língua, como o setor de serviços, ou para a economia, da indústria de papel à de eletrodomésticos. No Brasil, é o que ocorreria, por ex<sup>o</sup>, à extração de petróleo e minérios, ou agronegócio. A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com mais utilizadores fornecem merca do maior para bens culturais.

A diferença entre países pobres e ricos não é a idade do país. O Egipto, com mais de 5 mil anos é pobre. Canadá, Austrália e Nova Zelândia, há 200 anos nada eram, hoje desenvolvidos e ricos. A diferença não reside nos recursos naturais. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e gado, mas é das maiores economias mundiais, importa matéria-prima e exporta produtos manufaturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo. No pequeno território, cria animais, e cultiva o solo apenas quatro meses ao ano e fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, e transformou-se no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e dos países pobres, não há diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos países de origem, são a força produtiva dos países ricos. Onde está a diferença? No nível de consciência do povo. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, a todos os níveis. Os bens e os serviços são apenas meios. A educação e a cultura ao longo dos anos, deve plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

Solução: transformar a consciência, a começar na comunidade onde vive o cidadão, politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, de Idosos, etc., tornando-se um microestado. As transformações serão efetuadas nesses microestados, os átomos do organismo nacional, confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a maioria segue o paradigma quântico, i.e., a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios:

1. A ética, como base
2. A integridade
3. A responsabilidade
4. O respeito às leis e aos regulamentos
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos
6. O amor ao trabalho

- 7. O esforço pela poupança e pelo investimento
- 8. O desejo de superação
- 9. A pontualidade

Somos como somos, vemos os erros, encolhemos os ombros e nada fazemos! A sociedade, é a causa, e não os políticos, que são o efeito. Só assim mudaremos. Vamos agir!

#### 471. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 8- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 471.1. DO CANADÁ À GALIZA, TORONTO, SET.º 2012

Quando aterrámos punha-se o sol na bela capital do Ontário. No avião lotado a ex-secretária da emigração, Manuela Aguiar, ia (como nós) ao Simpósio dos 65 anos de Português na Universidade de Toronto. Contudo, a cena que ficará registada, a da guerra campal, sem tréguas nem pausas, entre açorianos e lusodescendentes, que se atropelavam, uns contra os outros, para retirar a bagagem do carrossel. Juro nunca ter assistido a nada semelhante. O pisoteio ou debandada são acidentes em que a multidão, causa o esmagamento de pessoas, quando está a tentar ir para um lugar, e os de trás empurram para a frente, sem saber que estão a ser esmagados. Só não caí, por mais que uma vez, devido à visão estereoscópica, aliada aos reflexos que me restam. Assevero jamais ter visto a brutalidade, falta de civismo, primitivismo assim. Nem nos países mais atrasados da Ásia, há 40 anos, se via uma cena destas, vergonha. Deixei que a turbamulta se afastasse, e o carrossel ficasse vazio antes de me aventurar a retirar a bagagem.

À espera na saída do aeroporto, as limusinas (normais e esticadas ou “stretch”), mas modestamente escolhemos um táxi, com a notável característica de o taxista não nos importunar com cavaqueira. Deixou-nos no *Comfort Inn* na esquina de *Charles* e *Yonge* (pron. Young). A multa por fumar no quarto era de 250 \$ segundo disseram no *check-in*. Demos umas voltas pelas redondezas e jantamos num restaurante com comida chinesa, japonesa, tailandesa, vietnamita.

*No dia livre fomos às cataratas com o casal Casteleiro (a Conceição nunca lá estivera), um SUV duma companhia de simpáticos indianos, bem dispostos (motorista fardado a rigor), veio buscar-nos (parecia o filme Men in Black) e levou-nos pelos lagos Ontário e Eyre. Paramos num aeródromo para quem ia voar ou andar de helicóptero e visita ao vinhedo onde se produzia o elusivo ice wine colhido aquando dos primeiros nevões, uma gota de cada bago. Chegamos ao enorme e intenso espetáculo das cataratas, que não cessa de impressionar. A água que, incessantemente transborda do Eyre para Ontário deixa qualquer um boquiaberto. Continua a seduzir-me a ilhota que fica antes da queda da água no lado canadiano, a atração pelo abismo. Apetecia ficar à espera que se desprendesse e fosse arrastada catarata abaixo. Já em 1999 tive esse sentimento de ir a nado contra a corrente, sentado na ilhota e esperar...*

Revisitei a sempre atraente *City of Niagara Falls*, construções arquitetónicas interessantes, a igreja mais pequena do mundo, limpeza impecável, jardins bem cuidados. Ficava ali a viver e aproveitar os turistas que a visitam, para conversar com eles. Não tivemos tempo, íamos a pé e demoramos no bar *Prince of Wales* a comer enormes sandes de carne canadiana.

*Desde que ali estive (1999) notou-se do lado americano, a construção de um enorme mirante ao nível da queda e trilhos descendo à base das cascatas, se bem que menos interessante do que na metade canadiana. Desta vez, devido a ventos contrários, apanhou-se imensa água e a enorme coluna de vapor, nesse dia, ia a centenas de metros de altura caindo sobre os que andavam nos barcos Misty Maid e os que em terra faziam a marginal até Table Rock.*

Jantamos ao lado do hotel, no restaurante *Wish*, com os *Bechara* acabados de chegar.

*Depois de levantar cedo, fomos ao restaurante japonês (ao lado do Comfort Inn) onde se tomava um pequeno-almoço por 7,50 dólares canadianos (6€). Pusemo-nos em marcha rumo ao Simpósio, liderados pelo Malaca Casteleiro, com passo de ganso. A Manuela Marujo que patrocinava a ida a Toronto, para os 65 anos do Dept.º de Estudos Portugueses da Universidade, avisara que em marcha lenta demoraria dez minutos do hotel ao Victoria College, estranhamente só passados 45 minutos chegamos ao campus da Universidade e acabámos por ser conduzidos por um suco que trabalhava no departamento e falava português com sabor brasileiro. Afinal, não seguimos em linha reta na Charles Street que distava, de facto, dez minutos, fomos para outro extremo da universidade que é uma cidade dentro da cidade...*

As sessões decorreram bem, menos assistência do que antevi.

*Inenarrável pela curiosidade e única era a sensação surreal e fantasmagórica de almoçar na cafeteria onde foram gravados os filmes de Harry Potter. Estar naquele cenário assombroso era fazer parte da História se bem que fosse de ficção.*

Ao fim do primeiro dia fomos agraciados com um jantar volante no belo terraço panorâmico dos anfitriões (Manuela Marujo e Domingos). Fomos num táxi de seis pessoas, mas o taxista sem GPS (era do Paquistão) perdeu-se por zonas menos recomendáveis da George St.

*No quarto dia, estávamos com os Aguiar (Luís e Vitália) e os Malaca (ficavam mais dois dias). O casal Bechara regressara na véspera. Como só partíamos à noite, fomos visitar a CN Tower, 474 m de altura. Compramos lembranças, acrescentar às das cataratas e redondezas do hotel. Regressamos da bela cidade sem esperanças num Colóquio em Toronto (para isso lá fui) e poucas para Montreal onde o casal Aguiar, do Camões podia obter patrocínios.*



##### 471.2. DO CANADÁ RUMO À GALIZA, 18º COLÓQUIO, OUT.º 2012

*Retornamos a PDL cedo sem chuva, viemos à Lomba da Maia onde estava o João. Mudamos de malas, e com chuva e a ameaça da Nadin partimos para o Porto via Lisboa. Sempre que fazemos desvio pela capital do reino, as malas ficam para trás. Desta vez foi só até à manhã seguinte. Dois dias, a ver o crescimento da neta mais nova (14 meses), matar saudades da filha mais velha, e da matriarca, minha mãe, rija nos seus 89 ½ anos, Ali celebrei 63 outo nos.*

Trocamos o carro por uma carrinha de 9 lugares, rumo a Ourense com *Álamo Oliveira*, *Zé Nuno da Câmara Pereira* (n. 1/4/1937, m. janº 2018), *Ana Paula Andrade* e *Carolina*, *Paulo Melo*, *Francisco Madruga* (a conduzir), e nós bastante cansados.

*O GPS que aluguei por 30 € / dia mandava-nos para onde não se podia entrar, ruas fechadas com pinos (bolardos), ia alta a noite. Telefonamos aos amigos da Academia, estivéramos mais perto do que parecia. Havia que subir o passeio, junto à igreja, para entrar na zona pedonal. Alojados numa praça com “movida” até altas horas (onde está a crise com gente a comer e beber fora todos os dias?) ficamos 4 noites no Hotel Irixe com amplo terraço, onde podia fumar.*

O Colóquio teve pouco público local, havia duas exposições (*Vasco Pereira da Costa* e *Zé Nuno da Câmara Pereira*), artesanato da *Salga (Nordeste)*. Fomos prestar preito à *Consellaria (Câmara Municipal)* onde a Presidente interina nos recebeu e agradeceu. Era a terceira presidente em 3 semanas: o eleito fora preso, depois substituído pela Vereadora da cultura e agora esta.

*No primeiro dia houve sessão especial para empossar 8 novos académicos (eu entre eles) correspondentes da AGLP. Um momento emocional. Não vim pela via académica, mas pela tradutologia. Depois da emoção em 30 março 2010 ao proferir uma palestra na Academia Brasileira, agora esta imerecida honra académica. Interessante o lançamento dos 40 anos de vida literária em simultâneo um CD com a trilogia História de Timor e a Crónica do Quotidiano Inútil, um livro em capa dura que é a coletânea de 5 volumes de poesia 1966-2012.*

#### 471.3. DA GALLICIA À GALIZA –ABERTURA 18º COLÓQUIO, OUT.º 2012

*“Estamos numa cidade com origem na Idade do Bronze, que se desenvolveu com os Romanos, tendo proeminência as águas termais das Burgas e a via Braga - Astorga. Ganhou relevo com os Suevos quando foi capital, ligada à lenda da conversão ao cristianismo. Anexada pelos Visigodos em 585, não sofreu a invasão muçulmana, mas a normanda (1008-15). Em 1122, D. Tareixa de Portucale concedeu ao bispo Diego III a jurisdição e em 1188 passa a município. Os bispos que partilhavam o poder com os senhores feudais, perdem influência (1586-1628), aos franciscanos sucedem dominicanos e jesuítas, que mantêm a urbe medieval com 3 mil habitantes (1752), só depois do séc. XIX se começa a expandir. Esta comunicação não é académica, pois nem amores nem sentimentos se podem dissecar num laboratório. A minha ligação à Galiza data de 1030 AD, segundo a avó paterna, e começou aqui em Cellanova, com o Conde D. Nuno, sogro da Infanta Sancha, filha de Henrique de Borgonha, conde de Portucale. No primeiro Colóquio (2002 Porto), conheci um empresário, Ângelo Cristóvão, que sonhava com a Galiza lusófona. Portugal e Galiza são povos irmãs de costas voltadas, como se houvesse um imenso mar a separá-los. Na escola falamos da variante galega como das guerras de Esparta e Atenas, nesta mania de desvalorizar a história. O problema é político e sensível. Só os utópicos acreditam que o futuro da Galiza passa pela unificação da escrita (o AO-1990 é o instrumento a brandir contra o status quo da imutabilidade histórica). A história sempre se fez de guerras e de casamentos entre tribos, e a língua comum assume um papel vital de moeda de troca. Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, o interesse económico é motor capaz de inverter políticas nacionalistas.*

*Fala-se mais Português em Angola hoje do que durante a presença portuguesa, apesar da competição das línguas nativas. Em Goa há um recrudescimento do interesse e novos livros surgiram 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Macau a língua é mais falada hoje do que quando os portugueses lá estavam. Em Timor, há 25% de falantes da segunda língua oficial e sob a ocupação neocolonial indonésia foi usada como língua de resistência.*

*Idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas/galegas. A língua japonesa tem várias palavras como: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc.*

*Há um idioma na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia, o Papiá Kristang (língua cristã) e o Patuá de Macau, em vias de extinção. Os portugueses/galegos falam com estas gentes sem dificuldade. No Reino de Espanha há quem fale Português, como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar o galego às normas ortográficas castelhanas, tentando apagar a identidade cultural do velho reino. A língua galega é sob todos os aspetos históricos, filológicos e paleolinguísticos, português da Galiza, mas Português. Na Extremadura espanhola, onde nunca houve língua comum, é ensinado a milhares de pessoas. A língua expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN.*

*É nossa vontade que na Galiza se proceda à reintegração na Lusofonia, como a História o manda e apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP. A questão da ortografia é política, sendo um grave erro estratégico não afirmar que “galego e português são a mesma língua.” Tem faltado construir pontes, os políticos estão temerosos de ofender a vizinha Espanha e os galegos temem a autonomia cultural, mas só evoluem intelectualmente quando se expressam na língua materna e não na castelhanizada. O galego atual será o encontro com as origens em que simultaneamente ganham um poderoso meio de comunicação, a nível cultural e comercial, que ajudará a crescer a Nação Galega neste mundo globalizado. Escrever galego-português na norma lusófona dá-lhe dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte.*

*O português não é de Portugal, mas dos países que o adotaram como oficial além da Região Autónoma Especial de Macau na China. Afonso X, rei castelhano, encontrou em galego-português por ser uma língua melódica. Hoje, aqui estão alguns autores açorianos a partilharem o que há de comum entre a Galiza e os Açores: duas insularidades culturais no seio da Europa.*

#### 471.4. ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP, 18º COLÓQUIO, 2012

Aos 22 anos (1972) lancei o primeiro livro de poesia, a que outros (crónicas e ensaio político) se seguiram. Fui sempre jornalista e tradutor. Faço 40 anos de vida literária e 47 de jornalismo. Considero uma honra maior ter proferido uma palestra (março 2010) na Academia Brasileira de Letras. Hoje, segue-se a segunda maior honra, ao entrar para Académico da AGLP, e pode contar com o meu total e dedicado apoio, na luta para a reposição da língua portuguesa da Galiza, em todas as esferas da vida e nos fóruns internacionais.

Falta concluir a unificação ortográfica da língua de todos nós, pois podemos preservar as diferenças, mantendo unificada a escrita. Respeitando a diversidade do Português, que é a sua grande riqueza, impõe-se a aproximação, em domínios ligados ao uso contemporâneo, como é na terminologia científica e técnica e neologismos, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações de identidades e alteridades culturais irreduzíveis. Obrigado, por aceitarem este mero aprendiz de feiticeiro da escrita no seio de académicos mais distintos e qualificados. Como simples artesão da pala vira, poeta e sonhador de utopias mantereirei a saudável loucura ao serviço da língua, nem que seja em poemas como este:

*Galiza como Hiroxima mon amour  
acordaste e ouviste o teu hino  
bandeira desfraldada ao vento  
ao intrépido som  
das armas de breogán  
amor da terra verde,  
da rubra terra nossa,  
à nobre lusitânia  
os braços estendes amigos  
desperta do teu sono  
pega nos irmãos e irmãs  
caminha pelas estradas  
ergue bem alto a tua voz  
diz a quem te ouvir quem és  
orgulhosa, vetusta e ativa  
indomada criatura*

*nenhum poder te subjugará  
nenhum exército te conquistará  
nenhuma lei te aniquilará  
és a Galiza mon amour*

## CRÓNICA 472. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 9- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

### 472.1. MAIA, 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, CRÓNICA 124 - 26 MAR 2013

Rudyard Kipling está celebrizado pelo «If», o oposto do que rege os Colóquios «Não prometemos, fazemos». Desta vez, saboreamos o significado da insularidade, o acréscimo de provações climatéricas quase comprometendo de forma terminal o Colóquio.

Uma depressão cavada e estacionária por cima do arquipélago trouxe chuvas torrenciais, ventos ciclónicos, desabamentos de terras, naufrágios, seis mortes nas ilhas, e impediu a aterragem de aviões a partir do dia 12. Oradores e presenciais viram voos adiados, cancelados. 1120 pessoas à espera nos aeroportos de Lisboa e Porto.

Todos os planos foram literalmente por água abaixo. Recorreu-se ao plano «B», mas adiamentos. De volta ao computador com planos alternativos e os telemóveis com mensagens, telefonemas e adiamentos. Decidimos anular os dois primeiros dias. No jantar de boas vindas, em vez de 25 pessoas éramos seis.

No primeiro dia, na EBI Maia, havia palestra sobre a paz, por Dom Ximenes Belo, e a apresentação da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos (2 vols). O lançamento anunciado em todas as escolas, não podia ser alterado, mas o resto foi. Cancelaram-se recitais, atuações de grupos musicais e passeio. Pelas 11.30 de dia 15 chegaram três aviões de Lisboa. Remarcou-se o almoço na Maia, com 20 pessoas e improvisou-se na escola para a palestra de D. Ximenes Belo. Reunimos ao jantar sob intensa chuva que iria persistir com intensos e cerrados nevoeiros.

O Colóquio durou só dois dias, com personalidades ilustres pela primeira vez presentes [Camões (Instituto da Cooperação e Língua) e Diretor Executivo do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) / CPLP]. Tudo correu no apertado horário com a precisão de um relógio suíço. Depois das boas vindas do Presidente da Junta, Jaime Rita, a Mostra de Artesanato e fotografias da Maia, a mostra de livros da Calendário de Letras, vídeos da Maia e da AICL.

Do discurso de abertura extraio:

“A freguesia ocupa a fajã vulcânica geologicamente jovem, dez mil anos. A Maia foi fundada no séc. XV, por Inês da Maia, do Lidador. Gaspar Frutuoso (Livro IV, de Saudades da Terra (1591) fala dos moinhos e primeiros povoadores com a intenção de a fazer vila sem o conseguirem. Em 1916 foi integrada na Ouvidoria dos Fenais da Vera Cruz (da Ajuda). As obrigações fiscais passaram para a Ribeira Grande, mas só em 1820 a Maia ficou a fazer parte deste concelho. A malha urbana apresenta ruas paralelas orientadas norte-sul, unidas por travessas de orientação leste-oeste, situação muito rara nos Açores. Entre os edifícios notáveis, o Solar de Lalém, séc. XVIII e XIX onde foi incorporada a ermida de S. Sebastião de 1687. Ali se realizaram em 87 e 89 dois Encontros de escritores açorianos. Tentamos, em memória desses Encontros, que a comitiva ficasse no ora privado, Solar, mas preços exorbitantes e alterações ao contratado levaram-nos para o paradisíaco coração da ilha no Vale das Furnas. Diz Vamberto Freitas (abril 9, 2011) “Do Bar Jade ao Grupo Balada”: “O movimento e o debate de ideias levaram ao primeiro encontro da Maia organizado por Daniel de Sá, Afonso Quental, Carlos Cordeiro, Urbano Bettencourt, Silva Melo e José Bettencourt da Câmara, que dinamizariam no Solar de Lalém essa convivência de escritores e estudiosos residentes no arquipélago, no Continente e na Diáspora, inclusive Brasil. A açorianidade era vivida e escrita nas mais longínquas geografias. A escrita açoriana numa fase de universalidade que naturalmente se revia nas mais variadas formas, nos mais originais e por vezes inesperados temas., para além do isolamento e subdesenvolvimento, emigração e guerra colonial».

A situação geográfica da Maia e descontinuidade da sede do concelho, fizeram dela uma alternativa para as populações na busca de bens e serviços acessíveis nas sedes de concelho, daqui derivando as legítimas aspirações de 500 anos para ser vila. cremos que será uma questão temporal. A zona costeira dispõe de excelentes condições para natação e mergulho.

Nos últimos dois anos uma rica panóplia de eventos celebrou os 5 séculos da Maia, e Jaime Rita teve a visão de ser a primeira freguesia a receber um Colóquio, o que servirá de exemplo nestes dias em que por mor da crise, a cultura é das primeiras penalizadas nos cortes. Ao apostar nos Colóquios, quando municípios o declinaram, a Freguesia deu um exemplo de que os cidadãos não precisam só de betão, solidariedade social, nem de hortas comunitárias e festivais pagãos e religiosos, Assim recebem tão nobre audiência, de vários países e regiões. A cultura e a educação são a maior riqueza dum povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da economia. Um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, sem se silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse povo que visamos conquistar. Advogamos que quem lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, na globalização neoliberal desenfreada, do lucro a todo o custo. Sustentamos a igualdade, a justiça e o mérito irmanados pelo poderoso elo comum: a Língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos.

Em linha os Cadernos de Estudos Açorianos, dezena e meia, com um dedicado a Victor Rui Soares e outro ao dramaturgo Norberto Ávila que se junta a nós pela primeira vez. Neste biénio 2013-14, homenageamos Álamo Oliveira. Um trio de professores da EBI Maia musicou dele “O rimance de Dona Baleia.” Em primeira mão apresentamos traduzidos em várias línguas, ao vivo ou em gravação, dois poemas de Álamo «ganga azul» e «eu fui ao Pico e piquei-me».

A Junta ofereceu um almoço de Sopas do Divino, na Gorreana (aqui produz-se o famoso chá) preparado por alunos da escola profissional das Capelas.

Na RTP-Açores, o “Atlântida” especial foi dedicado ao Colóquio com Álamo Oliveira, Norberto Ávila, Helena Chrystello, Ana Isabel Soares (do Camões) e Laura Areias.

Apressadamente, fomos para a Livraria Solmar (Ponta Delgada) para apresentações literárias. Falei de Timor e do fardo de 24 anos em que fui das poucas vozes no jornalismo mundial sobre o problema, prelúdio para a apresentação da “Trilogia da História de Timor” em CD [1 Timor-Leste o dossiê secreto (1973-75), 2 Historiografia de um repórter (1982-93) e 3 Guerras tribais, a história repete-se (1984-2006)]. Concha Rousia apresentou o livro de 40 anos de vida literária de Chrys “Crónica do Quotidiano Inútil, Obras Completas” incluindo a reimpressão do primeiro volume publicado em 1972, vol. 2 (1967-75), vols 3 e 4 (1970-82) e o vol. 5 (após um hiato de 20 anos) que reúne poesia escrita entre 2010 e 2012. Helena Chrystello falou da “Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos” (17 autores 2 vols.) que sucede à “Antologia bilingue” de 15 autores já no Plano Regional de Leitura. Por último, Concha Rousia apresentou “Nântia e a cabrita d’ouro”, infantojuvenil efabulada na história da Galiza. Seguimos para o jantar oferecido pela Associação Agrícola de S. Miguel, onde se degustou o bife com produtos açorianos, do pão ao queijo, vinho, ananás. Houve o privilégio de ouvir, o tocador de Viola da Terra, Rafael Carvalho (esteve na Lagoa em 2008). Foram momentos expressivos que antecederam o jantar e, apesar de compromissos, Rafael não quis deixar de estar presente.

Tal como na sessão de abertura em que falara da paz, Dom Ximenes Belo mostrou-se jovial, bem-disposto e falador contrastando com anteriores ocasiões onde fora mais formal e sisudo. Dir-se-ia que estava à vontade e se sentia bem. Os Colóquios cumpriram a sua parte isolando-o da comunicação social como expressamente solicitara.

Autorizara fotos apenas nas intervenções formais e perambulações pastorais na Maia e na homenagem ao túmulo de D. Jaime Goulart.

Houve recital de Ana Paula Andrade, Henrique Constância ao violoncelo e a estreia da soprano Helena Ferreira, com inéditos do Pe. Áureo da Costa Nunes de Castro (Pico, radicado em Macau), Cancioneiro açoriano e duas estreias musicadas por Ana Paula do poema «A Religiosa» de Álamo Oliveira e «Maria Nobody» de Chrys em trabalhos de qualidade excepcional.

### 472.2. SEIA - 20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2014 OUT.

Chegou o 20º Colóquio da Lusofonia, em Seia onde fomos recebidos pela Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Politécnico da Guarda. Dos pontos altos a visita a Melo, a pequena e acolhedora aldeia de Vergílio Ferreira (onde foi guia, Catarina dos Santos, da Biblioteca de Gouveia com a sua amabilidade, cortesia e simpatia



transbordante de amor pelo autor), Melo é uma aldeia nas faldas da Serra da Estrela, perto de Gouveia. A maioria das casas (muitas desertas) em bom estado de conservação e recuperadas (nem sempre com gosto, abundam as caixilharias de alumínio). Na praça a homenagem a Vergílio Ferreira, no chão, onde se assinalam as datas marcantes da sua carreira, nomes e datas dos livros. Ao fundo a casa Josephine, em honra da mãe (quando se naturalizou norte-americana). Uma antiga taberna serve de Museu improvisado. Muitas casas estão descritas na sua obra como se lia num panfleto. Tivemos tempo de depor uma coroa de flores no túmulo do autor. Foi um roteiro cultural destes que propusemos em 2003. Ficamos na Quinta de Crestelo (curiosa semelhança do nome) e o dono era a nem mais menos do que o ex-Alfereis Alberto Trindade Martinho (professor universitário na UBI e Católica, Viseu) a quem passei a pasta de Editor-Chefe do jornal A Voz de Timor, há 39 anos. Jamais nos víamos neste hiato de décadas.

De serviço personalizado aprimorado, a Quinta tem valências desde os desportos radicais, às piscinas, observação de aves e espécies botânicas. Uma estadia que ninguém esquecerá. Resta-me congratular, o dono da Quinta, a Sandra Nunes, o António e demais pessoal pelo afeto, cordialidade, gentileza, disponibilidade, bonomia, simplicidade, e inextinguível acolhimento que nos acompanhou ao longo de seis extenuantes dias com 80 participantes.

#### 472.3. MONTALEGRE 2016, REGRESSO A TRÁS-OS-MONTES, CRÓNICA 161,

Depois do sucesso em Bragança (2002-10), surgiu a oportunidade de regressar a terras transmontanas com patrocínio da Câmara de Montalegre e EcoMuseu do Barroso. Temerosos pelo frio do mês transato e o forte nevão uma semana antes, arribamos às faldas do Larouco, e cedo nos apercebemos do calor das gentes, hospitalidade, bonomia, simplicidade, e inextinguível acolhimento que nos acompanhou ao longo de seis extenuantes dias com 80 participantes.

Há 4 mil anos, ergueram-se monumentos funerários (antas da Mourela e Veiga, cistas (megalito funerário de quatro lajes, verticais num retângulo. Sobre elas, outra pedra horizontal a jeito de tampa. No interior eram colocados os restos mortuários. É difícil determinar se é um dólmen pequeno ou uma cista. O critério é o tamanho: cista se a superfície não supera 1 m<sup>2</sup>. As cistas aparecem associadas a outras formações, no centro de túmulos ou cromleque) da Vila da Ponte). Montalegre era povoada na Idade dos metais. Depois, os Celtas erguem tantos castros quantas as povoações. Os romanos criam a via imperial e romanizam castros, cidades Praesidium (Sabarez) e Caladunum (Cervos). Dos Mouros só a tradição oral.

D. Afonso Henriques doou coutos onde floresceram albergarias (Salto), hospitais (Vilar de Perdizes, Dornelas), mosteiros (Pitões), erguidos castelos (Gerês, Piconha, Portelo e Montalegre) e atribuídos forais a Tourém (Sancho I, 1187) em 1273. Afonso III funda Montalegre e o alcácer torna-se cabeça das Terras de Barroso, confirmado por D. Dinis, Afonso IV, João II. D. Manuel converte-o em foral novo (1515). João I, doa as Terras a Nuno Álvares Pereira. Em 1836, o concelho é dividido cria-se o município de Boticas e perde Vilar de Vacas (Ruivães) e o Couto Misto de Santiago de Rubiás. A história recente de Montalegre é igual à de tantas, forte emigração, depauperação económica e abandono das atividades económicas tradicionais.

Quando vim da Austrália, anos 90, retornei a estas terras. Portugal profundo chamavam-lhe os governantes, sinónimo de esquecido. O maço despovoamento, emigração, migração para o litoral e limites da longevidade impossibilitaram a reconstrução de memórias. Depois virão os sociólogos falar do problema da solidão na terceira-idade, os geógrafos políticos lamentarão a desertificação humana do interior profundo, os políticos explicarão as alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social lamentarão a crise e a falta de apoios para ajuda solidária aos idosos, a GNR e PSP deplorarão a falta de meios para a política de proximidade, e os filhos e netos continuarão a colocar em asilos e hospitais os idosos para não cuidarem deles.

Tudo é diferente da infância. Vivemos a escravatura que nem Aldous Huxley imaginou no “Admirável Mundo Novo” e os temores de “1984” de George Orwell converteram-se numa prisão sem grades onde prevalece o medo que enche o quotidiano de jornais e televisões. Enquanto puder, isolar-me-ei no onírico, na poesia e na utopia, em vez de buscar drogas de felicidade falsa ou um novo empréstimo bancário. Cresci na época conturbada do pós-guerra, na reconstrução da Europa. Havia a espada de Dâmoles da guerra colonial que ceifaria o futuro que tinha delineado. Nas décadas de 1960-70 éramos jovens, esperançados e sonhadores. Durante anos vivi a ilusão do 25 de abril e no outono da vida, desiludo-me com as promessas incumpridas de abril, a desigualdade ímpar entre ricos e outros. Não sobejam sonhos para as gerações futuras, e antecipo previsões orwellianas numa realidade que há muito excede a ficção.

Já não visitava esta agradável vila desde 2003 quando veraneei na vizinha aldeia raiana de Baltar, na Rousia (lado de lá da fronteira), local que ficou gravado na memória e onde já me aprestei a ir recordar esses bons momentos. Mal sabia que depois viria a conhecer a Concha Rousia, da Academia Galega. Fui a Pitões das Júnias, Vilar de Perdizes, Tourém, cheios de lendas e tradições da herança Celta, e o memorável capítulo da história, o Couto Misto. Um tio meu, da família Mesquita Guimarães, nasceu aqui, e foi com pesar que vi a casa à venda. As novas gerações nada ligam a recordações do passado que me esforço por fazer reviver.”

Tivemos um magnífico recital da Escola de Música Tradicional do Larouco (gaita-de-foles e precursão). Na segunda manhã, roteiro intenso por Vilar de Perdizes em cuja igreja (de excecional acústica) houve recital de Ana Paula Andrade e Carolina Constância. Visita à Sra das Neves, Paço e aldeia com o esclarecido guia, Padre Fontes. Depois Pitões das Júnias, Mosteiro, forno do povo e EcoMuseu sendo agraciados com um beberete, com os famosos enchidos.

No terceiro dia, celebramos um protocolo com o Observatório da Língua Portuguesa (que lançáramos em Bragança 2004). O patrono e Prémio Nobel da Paz 1996 D. Carlos Filipe Ximenes Belo lançou o livro “Pe. Carlos da Rocha Pereira, um missionário açoriano em Timor” com longa sessão de autógrafos e música do grupo Tane Timor (liderado por Daniel Braga). Após o jantar a sessão especial dedicada ao 25 de abril com três poemas musicados contra as dita duras, visual e musicalmente fortes, emocionaram (Geraldo Vandré “Para não dizerem que não falei de flores,” Georges Moustaki “Avril au Portugal” e Chico Buarque “Fado Tropical”). Alocações do Presidente da AICL e D. Ximenes Belo. Falei do envolvimento de 24 anos na luta pela independência de Timor. Mons. Belo falou da liberdade, da paz, da luta.

A seguir os “Terra Morena ((Xico Paradelo; Bernardo Marques; Heitor Real),” grupo galego que toca José Afonso, durante uma hora recriou temas do cantante da liberdade para a enorme assistência de mais do que os 320 lugares sentados do auditório. Momentos mágicos e emotivos. Seguiu-se a homenagem do município ao 25 de abril, pela família Pedreira, que recriou cenas do “antigamente”, com a PIDE, censura e cantos da resistência. O espetáculo excepcionalmente bem delineado por amadores, culminou com “Grândola Vila Morena” cantado de pé. O momento foi emotivo para os brasileiros que sofreram a ditadura (1964-85) hoje ameaçados por outra e para os galegos que celebraram o 25 de abril por que anseiam, e a luta pela língua estropiada em castro pelo castelhano. Para o Brasil e a Galiza a solidariedade. Depoimentos:

**Chrys Chrystello | Presidente da Direção da AICL** - «Nesta edição, os participantes não querem ir embora. Voltaremos a Montalegre o mais breve possível. Fomos surpreendidos pela positiva e em todos os aspetos. Pela hospitalidade, pelas caras bonitas e sorridentes que vimos nas ruas e locais onde estivemos, pela gentileza das pessoas que estiveram connosco. Sentimo-nos em casa. Sinto que este lugar pode ser a minha casa permanente. Foi um sucesso!».

**Malaca Casteleiro | Academia das Ciências de Lisboa** - «Foi um sucesso, dos melhores Colóquios que já tivemos, com uma receção magnífica. A sessão comemorativa do 25 de abril foi excecional. Fiquei encantado com esta terra, do ponto de vista cultural, paisagístico, arquitetónico, com um castelo magnífico. Foi um prazer estarmos aqui».

#### 473. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 10- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

##### 473.1. D. XIMENES BELO, MISSIONÁRIOS AÇORIANOS, JUL. 2018 CRÓNICA 202

6 julho 2018, lançamento da obra de D. Carlos Filipe Ximenes Belo, 2º volume de “Missionários Açorianos em Timor.” 20 biografias em terras “que o sol em nascendo vê primeiro.” Não é apanágio vangloriar-me das conquistas, mas pela dificuldade em ser concretizada teve outro gosto.

Missionários açorianos no Oriente: D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes, D. Paulo José Tavares, têm em comum serem açorianos e Bispos de Macau. Esta tradição de o clero açoriano se notabilizar fora do arquipélago vem desde os tempos do povoamento.

No séc. XVI, D. Frei João Estaco, foi bispo de Puebla de Los Angeles, México. No séc. XVII, D. Frei Afonso Enes de Benevides, bispo de Meliapor, D. Frei Cristóvão da Silveira Primaz do Oriente. No séc. XVIII, D. António Taveira Brum da Silveira, arcebispo de Goa e Primaz do Oriente; D. Frei Bartolomeu do Pilar, bispo do Grão-Pará, Brasil; D. Manuel de Sousa Enes, Prelado de Macau. Os açorianos contribuíram para a evangelização no Oriente: D. João Paulino de Azevedo e Castro, Bispo de Macau; D. Manuel de Medeiros Guerreiro, Prelado de Meliapor e de Nampula; D. José Vieir a Alvernaz, Prelado de Cochim, arcebispo de Goa e Damão, e Patriarca das Índias Orientais; D. Paulo José Tavares, Bispo de Macau; D. Arquimínio Rodrigues da Costa, Bispo de Macau e D. Jaime Garcia Goulart, primeiro Prelado de Díli, e nos EUA, D. Humberto de Sousa Medeiros, cardeal de Boston.

Estes nomes destacados inserem-se no contexto de um movimento clerical que se perpetuava interfamilias, como é o caso Costa Nunes, pois José era sobrinho em segundo grau do Pe. António da Glória, cura e vigário da Candelária de 1809 a 1856. Alguns dos familiares de Dom José da Costa Nunes foram atraídos para o sacerdócio. É o caso dos Padres Áureo da Costa Nunes e Castro; Manuel da Costa Nunes e António Maria Nunes da Costa, sobrinhos de D. José, e do bispo Jaime Garcia Goulart, seu primo.

Aliás, D. José da Costa Nunes não se limita a influenciar a rede familiar pois no decurso da estadia no Oriente leva onze jovens açorianos para o Seminário de Macau (8 terceirenses, 2 picoenses e 1 faialense), nove dos quais seguiram a carreira eclesiástica e iremos homenagear em out<sup>o</sup> no 30<sup>o</sup> Colóquio da Lusofonia no Pico.

Gorou-se o apoio prometido pela Direção Regional da Cultura, que não entendeu a pertinência destes heróis e mártires açorianos, que contra tudo e todos fizeram da missionação em Timor o múnus da sua vida. Não teve a visão de perceber a relevância para a História do arquipélago, desta vertente da AÇORIANIDADE, na faceta espiritual da vida dos missionários açorianos em Timor, que tão relevantes foram para a consolidação da língua e cultura de matriz portuguesa nas martirizadas terras. A Câmara de Ponta Delgada, do Presidente José Manuel Bolieiro e Chefe de Gabinete, José Andrade, deram o mecenato associado à celebração das Festas do Divino Espírito Santo, oferecendo a obra à rede de bibliotecas escolares.

Creio que as palavras da apresentação, na Igreja Matriz de S. Sebastião (6 julho 2018), sobre o autor e a obra dirão melhor aquilo que tento.

Quando em 11 set<sup>o</sup> 1989 [ao serviço da LUSA, jornal EUROPEU, RDP, Rádio Comercial e TDM-RTP Macau] em Sydney, Austrália, fui o primeiro jornalista a entrevistar telefonicamente D. Carlos Filipe Ximenes Belo, em Díli, sob a ocupação neocolonial indonésia, estava longe de imaginar-me hoje aqui a falar deste projeto dele. Tornei a entrevistá-lo, durante os anos negros de ocupação indonésia, mas nem sempre me deixavam falar, quando apertavam o cerco à sua voz incómoda e desabrida em defesa dos Timorenses. Anos difíceis que culminaram no infame 12 nov<sup>o</sup> 1991, a chacina no cemitério de Santa Cruz, quando a residência episcopal, em Lecidere, serviu de abrigo a centenas de refugiados do massacre indonésio.

Vim a conhecê-lo e a entrevistá-lo pessoalmente em dez<sup>o</sup> 1993, em Melbourne, na sua primeira ida à Austrália e só nos reencontramos em 2005 em Bragança, convidado de honra no 4<sup>o</sup> Colóquio. Posteriormente, convidei-o para o 19<sup>o</sup> Colóquio 2013 Maia e 24<sup>o</sup> Colóquio (Graciosa 2015) em que foi proposto, pelo sócio José Soares, para Patrono e 1<sup>o</sup> sócio honorário da AICL.

Dom Carlos Filipe tem dedicado os últimos anos a estudar um tema que me fascina por ter vivido em ambos os locais: a presença maciça de clero açoriano em Macau e Timor. Este projeto nasceu em abril 2011 no 15<sup>o</sup> Colóquio (Macau), desenvolvendo-se com o primeiro volume (2016 “Um missionário açoriano em Timor, Pe. Carlos da Rocha Pereira”). Quando no ano passado se nos deparou a obra as entidades que regem a cultura nas nove ilhas prometeram apoio, mas feito o pedido formal um longo silêncio se seguiu antes da resposta negativa.

Nunca desistimos de publicar este volume dos vinte religiosos em Timor, que ora demos à estampa, graças ao patrocínio generoso, que publicamente agradecemos, da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Trata-se de uma biografia de vinte religiosos açorianos que deram o seu melhor por Timor em mais de um século, muitas vezes em situações difíceis como a revolta de Manu Fahi em 1911, a segunda guerra. invasão japonesa, e a invasão e o genocídio indonésio. Uma viagem na História que muito enaltece a fibra das gentes açorianas na missionação por longínquas paragens de Timor. Desde sempre os homens da Igreja foram essenciais para administrar um território esquecido e abandonado por Portugal desde o seu achamento em 1514. O primeiro capitão-mor foi nomeado em 1602 na dependência da Índia, o primeiro governador em 1695, a partir de 1852 dependente de Macau e de Lisboa a partir de 1896, província ultramarina em 1909, distrito autónomo em 1927, de novo província ultramarina em 1955 e região autónoma a partir de 1972. Durante este tempo a missionação e o ensino estavam quase totalmente nas mãos dos clérigos. A eles se deve, durante a resistência à ocupação neocolonial indonésia, a manutenção cultural e linguística portuguesa numa terra, sempre esquecida e abandonada por Lisboa. É da história destes notáveis clérigos açorianos que este livro trata.

Obrigado D Carlos e Câmara Municipal de Ponta Delgada, por nos ajudarem a revelar e divulgar a importância das gentes açorianas nos confins do mundo, e que, decerto, nos encherá de orgulho. Pena que as novas gerações não o aprendam nos livros escolares para melhor entenderem a vasta abrangência da Açorianidade que torna este povo tão distinto dos demais.

#### 473.2. 30<sup>o</sup> COLÓQUIO NA ILHA-MONTANHA, CRÓNICA 213, OUT.<sup>o</sup> 2018

O 30<sup>o</sup> Colóquio teve lugar no Auditório da Madalena do Pico, com sessões extraordinárias na Escola Cardeal Costa Nunes e na Galeria Costa (4-7 out<sup>o</sup>), roteiro cultural da rota do vinho e degustação de produtos locais. Foram parceiros a Câmara local, o Governo Regional (Dir. Regional do Turismo, Cultura, Comunidades) e MiratecArts. Com cinquenta inscritos (25 autores açorianos) e clima bastante razoável, decorreu o Colóquio com gente local em muitas sessões.

O homenageado era a pianista, compositora e maestrina Ana Paula Andrade, convidados de Honra: Álamo Oliveira, Bruno Rosa (cantautor, Pico), D. Ximenes Belo (Prémio Nobel da Paz 1996), Eduardo Bettencourt Pinto (escritor, Canadá), Francisco Rosas (realizador cinema, Palco de Ilusões), Frederico Cardigos (biólogo, coordenador do Gabinete dos Açores Bruxelas), Joaquim Feliciano da Costa (EMPDS Belmonte), Joel Neto (escritor, Terceira), José Andrade (Chefe de Gabinete da Câmara de Ponta Delgada), Manuel da Costa Jnr (Diretor Museu dos Baleiros, Pico), Manoel Tomaz (escritor, Pico), Sérgio Ávila (biólogo, Univ. dos Açores, Pico), Sérgio Rezendes (historiador, Instituto de História Contemporânea, S Miguel), Terry Costa (Diretor artístico, MiratecArts, Pico), Urbano Bettencourt (escritor, Pico), Victor Rui Soares (escritor, Graciosa), além dos autores: Carolina Cordeiro, Chrys Chrystello, Eduíno de Jesus (decano), Helena Chrystello, Katharine Baker (Tradutora), Luciano Pereira, M<sup>o</sup> João Ruivo, Norberto Ávila, Pedro Paulo Câmara, Raul Gaião, Rolf Kemmler, Vilca M Merízio.

O Colóquio abriu na Escola (15 escritores) com 150 alunos e professores. Tivemos a presença do Presidente da edilidade (José António Soares), 9 convidados de honra, e Diretora da Cultura, Susana Goulart, a apresentação de “Meridiano 28” pelo consagrado Joel Neto, e Homenagem a D. Jaime Garcia Goulart e missionários açorianos na Igreja da Candelária, visita à Casa do Missionário e Casa de D. José da Costa Nunes, e visita guiada por Terry Costa à Galeria Costa.

Ximenes Belo apresentou com José Andrade, o 2<sup>o</sup> volume de “Missionários Açorianos em Timor” ed. AICL. Houve apresentação da “Bibliografia Geral da Açorianidade” por Manoel Tomaz e Chrys Chrystello; “Um punhado de areia nas mãos” por Maria João Ruivo e Eduíno de Jesus e o “CD de autores açorianos musicados” de Ana Paula Andrade que deu recitais com a soprano Carina Andrade, um dedicado a obras do missionário e compositor picaroto Pe. Áureo da Costa Nunes de Castro. O conhecido

compositor local e Diretor do Museu dos Baleiros, Manuel da Costa Jnr, apresentou trabalhos do seu CD. Nesse dia visionou-se na íntegra, em estreia nos Açores, o Docufilme “Timor: O Avô Crocodilo” de Francisco Rosas e Ricardo Lacerda Dias. Houve forte presença local nas sessões.

Dia 7 houve a Rota do Vinho, Criação Velha, Lajido e Cabrito, com degustação de produtos locais no original “Cella Bar” (Barca) ofertado pela edilidade. Um jovem cantautor (Bruno da Rosa) cantou na sessão de encerramento, bem como Laurindo Cardoso e José Fontes da Casa da Música da Candelária com folclore regional.

#### 473.3. 32º COLÓQUIO DA LUSOFONIA - GRACIOSA 2019

Sempre temi tufões, como chamamos na Ásia e Austrália, e em 15 anos tivemos sorte, o “Lorenzo” nada preconizava de diferente quando se aproximou a coincidir com o 32º Colóquio. A Lusofonia regressava à ilha branca (Graciosa, em 2015 no 24º), com gente de Lisboa, a ver voos cancelados e atrasados 24 horas. Nem sequer sabíamos se chegaríamos a tempo da abertura. Tivemos sorte, aterrando dia 2 para preparar tudo e cancelar a participação dos ausentes dia 3, mantendo o máximo do programa original.

O Colóquio estava repleto de eventos, era difícil encurtá-lo. Os que faltaram à abertura chegaram com 24 horas de atraso. Novidades: homenagem ao decano dos autores açorianos, poeta Eduíno de Jesus, a presença de Teolinda Gersão e José Luís Peixoto, a que se juntaram Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Jorge Arrimar, cientista Félix Rodrigues, Pedro Almeida Maia, Victor Rui Soares, Álvaro Oliveira, Norberto Ávila, músicos timorenses Piki Pereira e Mintó Deus, cantora de Belmonte, Joana Carvalho e vintena de autores de doze países.



Na ilha da música tivemos uma dúzia de recitais, quatro sessões de poesia, a visita ao Museu (a quem ofertei em 2015 um clavicórdio de 1794), passeios geoculturais (Furna do Enxofre, ida à Praia sob a supervisão e erudição de Jorge e Lourdes Cunha, guias habituais). O Eng.º Joaquim F da Costa, anunciou a geminação de Belmonte com Sta Cruz da Graciosa, o intercâmbio de teatro e grupos corais e renovou o nosso protocolo até 2026. A sessão na escola local, permitiu interação de professores e alunos com uma dezena de autores. Houve presença da população, o que muito nos apraz. Ficou o compromisso de regressar a esta ilha que tão bem nos sabe receber. Na sessão de homenagem a Eduíno de Jesus, a AICL presenteou-o com um vídeo, poesia sua a quatro vozes e uma salva de prata recordando o momento. Por proposta de Frederico Cardigos do Gabinete dos Açores, Bruxelas, vamos levar autores a Bruxelas para divulgar a literatura açoriana (livros ou excertos traduzidos) e prosseguir com o projeto do busto de D. Ximenes Belo cujo molde foi feito pelo artista plástico picoense Rui Goulart. Damos publicamente um voto de congratulação à MIRATECARTS por colocar ao longo destes últimos sete anos, o Pico no mapa cultural internacional através das suas atividades.

#### 474. O QUE É A LUSOFONIA, PARTE 11- 20 ANOS DE COLÓQUIOS 2002-2022

*A Lusofonia é uma capela sistina inacabada; é comer vatapá e goiabada, pastel de bacalhau ou cachupa, regados com a timorense tuaka ao ritmo do samba ou marrabenta; voltar a Goa com Paulo Varela Gomes, andar descalço no Bileme com as “Vozes anoitecidas” de Mia Couto, ler “No país de Tchiloli” da Olinda Beja, rever os musseques da “Luanda” com Luandino Vieira, curtir a morabeza cabo-verdiana ao som “De boca a barlavento” de Corsino Fontes, ouvir patuá no Teatro D. Pedro IV na obra de Henrique de Senna-Fernandes e na poesia de Camilo Pessanha; saborear a bebinca timorense em plena Areia Branca ao som das palavras de Francisco Borja da Costa e Fernando Sylvan, atravessar a açoriana Atlântida com mil e um autores telúricos, reencontrar em Salvador da Bahia a ginga africana, os sabores do mufete de especiarias da Amazônia, aprender candomblé e venerar Iemanjá, visitar as igrejas e casas coloridas de Ouro Preto, Olinda, Mariana, Paraty, Diamantina, e sentir algo que não se explica em Malaca, nos burghers do Sri Lanka, em Korlai ou no bairro dos Tugus em Jacarta. É esta a nossa Lusofonia. (Chrys C abril 2019)*

#### 474.1. EULOGIA AO MESTRE MALACA, CRÓNICA 316 FEV.º 2020

Há textos que jamais se espera escrever. Este é um. Dia 7 fevº 2020 é um dia muito triste, 28 anos e um dia depois da morte do meu pai, morreu um dos meus mentores, pessoa que muito estimava e me honrava com a sua amizade. Escrevo estas linhas, a quente, pouco depois de ter sabido da notícia. Lamento não ter acedido aos associados da AICL, Luciano Pereira e Rolf Kemmler em 2018, quando propuseram uma homenagem aos dois patronos, e decidimos que fossem (na Assembleia-Geral de 2019) nomeados Presidentes Honorários e continuassem como Patronos. Esperava que a sua longevidade nos permitisse fazê-lo num Colóquio dedicado a ambos. Claro que os homenageamos durante os anos em que com eles aprendemos, quando, connosco, humildemente partilhavam o seu saber.

*O Professor João Malaca Casteleiro surgiu no nosso seio em Bragança, outº 2007, com Evanildo Bechara quando ambos aceitaram o meu ousado convite a estarem presentes. Lembro-me, como se fosse hoje, que, depois de um dos jantares, no Poças, quando regressávamos a pé, à Residencial Classis onde estávamos alojados, me perguntarem já perto da meia-noite se os queria aceitar como patronos, dado que o primeiro José Augusto Seabra falecera em 2004. Nem queria acreditar que a sorte nos bafejara naquela conversa informal, quando eu me queixava da falta de visibilidade do 8º Colóquio em 2007.*

Logo a seguir, fruto desse Colóquio, a comunicação social daria tanto relevo ao AO-1990 ali debatido, que prontamente o estado português o ratificou e começou a implementar. A partir desse momento, durante anos a fio, em escolas, universidades, Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara eram as faces visíveis do AO e dos Colóquios, da Galiza a Portugal, Brasil, Macau, catapultando-nos para a ribalta.

*Durante os primeiros anos estabelecemos as metas necessárias para que a novel Academia Galega da Língua Portuguesa se pusesse de pé e frutificasse e a sua palavra e estratégia ajudaram a conseguir o que poucos acreditavam ser possível na Galiza espanholizada e castelhanizada .*

Depois, foi Malaca Casteleiro quem coordenou as diligências para irmos a Macau em 2011 (43 participantes, 19 totalmente apoiados pelo Instituto Politécnico de Macau), a seguir à nossa bem-sucedida ida ao Brasil, onde marcamos presença na conferência de Brasília da CPLP (2010), no Museu da Língua em S. Paulo e no 13º Colóquio em Florianópolis.

*Recordo as passadas rápidas de Malaca Casteleiro no Canadá em setº 2012 pela Yonge St abaixo rumo à Universidade de Toronto onde a Manuela Marujo nos esperava para celebrar os 65 anos de estudos portugueses. Em 2016 em Montalegre, em amena cavaqueira, com ele e a sua inseparável Conceição, perdemo-nos do guia, o célebre Padre Fontes e fomos a pé pelas ruas e caminhos de Vilar das Perdizes, enquanto os restantes faziam a rota cultural estabelecida. E sempre estiveram connosco desde 2007. Faltou ao 29º Belmonte 2018, 30º Madalena do Pico 2018, 32º Graciosa 2019 (por temer a falta de condições hospitalares em caso de necessidade urgente). Em novembro confirmara a presença em Belmonte este ano (2020).*

Não vou falar da sua notável carreira, nem da sacanice da perseguição que a Academia lhe moveu nos últimos anos, e nos levou em 2009 a propor uma *Academia de Letras de Portugal*, que infelizmente, não lograria apoios suficientes para arrancar e deixar de ser uma subserviente *Secção de Letras da Academia de Ciências*.

*Recordarei sempre a sua confissão de que tinha vindo de uma família humilde e, como quase todos os desta geração, subira a pulso, fruto de muito trabalho e estudo, coisas que, indubitavelmente fazem falta hoje. Muitas vezes falamos disto, da ética de trabalho, da necessidade de sermos exigentes e perseverantes. Guardarei comigo tudo o que partilhámos nestes 13 anos de convívio são e fico eternamente grato pelo muito que com ele aprendi. Continuará como patrono e Presidente Honorário, ele que presidiu à Mesa da Assembleia-Geral da AICL desde a fundação até 2019, e tanto nos ajudou e influenciou.*

#### 474.2. PONTA DELGADA, 10 JUNHO DIFERENTE, CRÓNICA 399, JUN. 21

No segundo ano de pandemia o 10 de junho, *dia de Camões e das Comunidades*, trouxe a Ponta Delgada uma comitiva de amizade em defesa da língua e cultura.

O prolífico *Onésimo Teotónio Almeida* foi homenageado, ele que preside à *Comissão de Honra de Ponta Delgada, a Capital Europeia da Cultura 2027*. Convidados especiais o cientista Félix Rodrigues, o escritor e humorista Luís Filipe Borges, o escritor Aníbal Pires, o incansável José Andrade, Diretor Regional das Comunidades, o historiador Sérgio Rezendes, o crítico literário Vamberto Freitas, o decano dos escritores Eduíno de Jesus dentre uma vintena de oradores a que se juntou a Secretária Regional da Educação Dra. Sofia Ribeiro por videoconferência.

*Tudo aconteceu, graças à visão do Presidente Bolieiro que em 2019 (fruto de diligências destes Colóquios em 2018) se deslocou à terra de Pedro Álvares Cabral, para a geminação do Museu Judaico de Belmonte e Sinagoga de Ponta Delgada e tomou contacto com o peculiar ambiente dos Colóquios, nos quais apostou para Ponta Delgada 2020 e que a pandemia atrasou um ano. Os valores da cultura e literatura açoriana ocupam lugar de destaque em todos os Colóquios desde 2006, pois temos uma enorme comitiva de autores presentes levando a riqueza peculiar da sua escrita, de que traduzimos excertos em 15 línguas e editamos 5 antologias didáticas, e mais uma a ser lançada em 2021.*

#### 474.3. O SUCESSO DO 34º COLÓQUIO, CRÓNICA 399, JUN. 2021

*O Presidente do Governo Regional dos Açores considerou, que a Lusofonia é “identidade de ser” e elo de aproximação entre povos e culturas. “Este modo de ser e estar que a Lusofonia representa identifica-nos e aproxima-nos,” considerou o governante. O “mundo sem geografia” que é a Lusofonia foi enaltecido pelo Presidente do Governo, que deixou uma saudação a todos os lusófonos, “seja qual for o vocábulo que de forma específica possam utilizar na sua língua.” O Governo dos Açores, prosseguiu, “estará ao lado” da AICL para “todas as realizações de futuro,” asseverou o Presidente do Governo. José Manuel Bolieiro elogiou ainda a “resiliência” da AICL, presidida por Chrys Chrystello, elogiando a “simbólica data” do Colóquio e o “inspirador lugar”: o Centro de Estudos Natália Correia, na Fajã de Baixo.*

#### 483. 20 ANOS DE COLÓQUIOS

- Considerando a notável ação desenvolvida pelos Colóquios da Lusofonia na defesa da Língua desde 2001 e na divulgação da Açorianidade Literária como voz independente na defesa dos valores culturais e literários dos Açores, vimos desafiar Vexa a estar presente na sessão de abertura desta 36ª edição, com início pelas 17.30 horas de dia 30 de setembro no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Ponta Delgada.
- Temos mais de 50 autores açorianos presentes com uma mostra das suas obras, havendo 5 lançamentos de livros, a assinatura de protocolo WPM (World Poetry Movement) com a AICL, homenagem aos 70 anos de vida literária de Eduíno de Jesus, e aos 50 anos de vida literária de Chrys Chrystello, além da Homenagem Póstuma a Norberto Ávila. Haverá sessões musicais e de poesia e salienta-se um Recital de música judaica na Sinagoga e um de música de câmara no Conservatório de Ponta Delgada (em resultado da parceria da Câmara de BELMONTE e de PDL e a AICL) com um Momento Belmonte -Brasil (Porto Seguro, Estado de Bahia) apresentado por Joaquim Feliciano da Costa, Dilza Reis e Laércio Silva - *Da Carta de Caminha ao Patxohã* com Raoni Pataxó e Carleone Filho, *A luta do rochedo contra o mar*

*Em 2021 o Presidente do Governo Regional dos Açores considerou, que a Lusofonia é “identidade de ser” e elo de aproximação entre povos e culturas. “Este modo de ser e estar que a Lusofonia representa identifica-nos e aproxima-nos,” considerou o governante. O “mundo sem geografia” que é a Lusofonia foi enaltecido pelo Presidente do Governo, que deixou uma saudação a todos os lusófonos, “seja qual for o vocábulo que de forma específica possam utilizar na sua língua.” O Governo dos Açores, prosseguiu, “estará ao lado” da AICL para “todas as realizações de futuro,” asseverou o Presidente do Governo. José Manuel Bolieiro elogiou ainda a “resiliência” da AICL, presidida por Chrys Chrystello, elogiando a “simbólica data” do Colóquio e o “inspirador lugar”: o Centro de Estudos Natália Correia, na Fajã de Baixo.*

Passado um ano, nós e demais entidades que trabalhamos para a cultura constatamos que os apoios infinitesimais do GRA se mantiveram insignificantes, com a agravante da sua tardia aprovação e distribuição aos interessados que, sem fundos próprios suficientes, foram obrigados a cortes na sua programação. Sabemos que a cultura de um povo não se resume a festas tradicionais, religiosas ou pagãs, nem às festas das freguesias e nos Açores, ao longo de séculos, centenas de autores primaram por serem uma elite pensante e escrevinhadora que deu azo a avanços no desenvolvimento das ilhas. Quando a AICL (Colóquios da Lusofonia) atinge 20 anos, com centenas de autores açorianos presentes nos seus eventos, vários livros editados e várias antologias literárias publicadas, a criação da enorme Bibliografia Geral da Açorianidade (19 144 entradas na edição em papel, atualmente online 21 556), 36 colóquios realizados em vários locais nas ilhas e no resto do mundo, seria de esperar das entidades que tutelam a Cultura um pouco mais de respeito e de consideração.

Vejamos o exemplo do escritor (radicado no Canadá) EDUARDO BETTENCOURT PINTO que trouxemos, com apoio da D R Comunidades e Câmara de Ponta Delgada, para lançar o seu mais recente livro com a importante chancela da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Ninguém das entidades ligadas à cultura destas ilhas esteve presente na Livraria nem ninguém o contactou para levar a outras ilhas (o custo seria irrisório considerada a oportunidade). Aliás, é isto que normalmente se passa como constatamos em anos transatos ao trazer os nossos patronos, dois Prémio Nobel lusófonos a estas ilhas (Ximenes Belo e Ramos Horta) e outros vultos de relevo.

Temos a visibilidade que nos concedem os agentes da comunicação social e não nos pomos em bicos dos pés nem mendigamos holofotes. Todos trabalhamos pro bono há 20 anos, por entendermos ser essa a nossa missão e nela prosseguiremos enquanto houver saúde e forças. Sabemos que somos

poucos, e que pertencemos a uma elite pensante (são as elites que fazem as sociedades pular e avançar) cujo interesse é apenas a preservação e defesa da língua de todos nós e a divulgação dos escritores de matriz açoriana que traduzimos em várias línguas e que queremos continuar a divulgar.

#### 485. PARABÉNS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Entre 30 de setembro e 5 de outubro decorreu o 36º colóquio da lusofonia em Ponta Delgada celebrando os magníficos vinte anos de colóquios da lusofonia com sessões de poesia, história, humor, música e literatura, uma comitiva oficial de 15 convidados dentre os 73 inscritos. Uma palavra de muito apreço para o incedível profissionalismo incansáveis Luísa Margarida Pimentel, Nuno Engrácio e demais pessoal do Centro Natália Correia e a bonomia do condutor escalado para nos transportar, Sr. Luís que a todos cativou.

A TODOS OS ORADORES E PRESENCIAIS o nosso obrigado, sem a vossa presença não teríamos tido sucesso,

Era uma excelente oportunidade para a cidade candidata a Capital da Cultura 2027 vestir as suas melhores vestes e chamar os seus mais válidos concidadãos e associar-se em peso a este evento, mas aparte duas ou três sessões com várias dezenas de pessoas a presença dos locais resumiu-se a meia dúzia de pessoas interessadas que nos acompanharam.

Desconcertante foi o total alheamento por dois momentos altos que mereciam (como afirmou o poeta LUÍS FILIPE SARMENTO) a presença do Presidente da República e do Primeiro-Ministro e nem tiveram a presença do Presidente da Câmara nem do Vereador da Cultura: esses momentos eram a celebração dos 70 anos de vida literária do decano dos escritores açorianos EDUÍNO DE JESUS (nenhum autor português teve tal longevidade de escrita) e os 50 anos de vida literária do ilhanizado CHRYS CHRYSTELLO. O Vereador da Cultura esteve, porém, presente na sessão do autor do ano Pedro Paulo Câmara. Saliente-se a assinatura de importante protocolo entre WPM (World Poetry Movement) e a AICL que vai permitir uma maior internacionalização dos nossos eventos; outro convénio de cooperação foi assinado com a Escola Básica Integrada da Maia (S Miguel, Açores) e recebemos um convite do Prefeito Municipal de Porto Seguro (Bahia, Brasil) através da sua Secretária de Educação, Cultura e Património Histórico para ali realizarmos um colóquio em breve. Neste colóquio assistimos ao lançamento de seis novos livros:

O *DIÁRIO II* (Um punhado de areia nas mãos) de Maria João Ruivo apresentado na Escola Antero de Quental por Santos Narciso,

a *NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS* de Helena Chrystello, apresentada por Aníbal Pires

o livro póstumo *POR DETRÁS DA CORTINA DE ENGANOS* de Norberto Ávila (patrocinado pela AICL) com intervenções de Helena Chrystello, Zeca Medeiros e Álamo Oliveira,

a *CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL, 50 anos de vida literária* de J Chrys Chrystello, *volumes 1 a 6*; apresentada por Maria João Ruivo com Ernesto Resendes

*LIAMES E EPIFANIAS AUTOBIOGRÁFICAS vol 5 de CHRÓNICAÇORES*; de J Chrys Chrystello, apresentada por Vamberto Freitas e Pedro Paulo Câmara

*ALUMBRAMENTO: CRÓNICAS DO ÉDEN vol. 6 de CHRÓNICAÇORES*, de J Chrys Chrystello, apresentada por Pedro Almeida Maia

Houve outras obras apresentadas pelos seus autores como o “Beat” de Luís Filipe Sarmento, “A escrava açoriana” de Pedro Almeida Maia, Azorean Suíte de Scott Edward Anderson (apresentada por Eduardo Bettencourt Pinto).

Tivemos cinco sessões de poesia (Eduíno de Jesus, Chrys Chrystello, Luís Filipe Sarmento, Aníbal Pires e o grupo Palavras Sentidas com Mário Sousa).

Fruto das parcerias da AICL com Belmonte e Ponta Delgada (que aqui registaram a presença do Presidente do Município Dr António Dias da Rocha, assessorado pelo Presidente da Empresa Municipal, Joaquim Feliciano da Costa) houve

- Recital de música de câmara no Conservatório de Ponta Delgada (por Alexander Stretile ao piano e Beatriz Jorge na flauta transversal, professores do Politécnico de Castelo Branco)
- Momento Belmonte-Brasil (Bahia). Da Carta de Caminha ao Patxohã: a Luta do Rochedo Contra o Mar, uma performance teatral, histórica/cultural, na qual o embate entre a língua portuguesa é levado à cena pelas personagens “Carta de Pero Vaz de Caminha”, primeiro documento oficial escrito no Território Brasileiro (Carleone Filho) e a língua dos Povos Originários, representada pela Patxohã (Raoni Pataxó). Nesse contexto, o olhar da Carta sobre o futuro do Novo Mundo entra em conflito com a atual situação de resistência das línguas originárias do território brasileiro. Se por um lado, após mais de quatrocentos anos da chegada do navegador português Pedro Álvares Cabral às terras brasileiras, temos a língua portuguesa oficializada, por outro temos a forte influência dos troncos linguísticos indígenas Tupi e Macro-Jê no falar cotidiano, em uma batalha diária que faz do Português Brasileiro uma língua ímpar, forte e capaz de integrar culturas diversas.
- Música judaica na Sinagoga de Ponta Delgada (por Alexander Stretile ao piano e Beatriz Jorge na flauta transversal, professores do Politécnico de Castelo Branco)

O colóquio teve as sessões no auditório do Centro Municipal Natália Correia na Fajã de Baixo salientando-se nas sessões musicais a habitual presença da pianista e maestrina residente Ana Paula Andrade, Carolina Constância ao violino e a voz da Helena Castro Ferreira além da flauta de António Costa da Escola de Música de Belmonte e Inês Alves, aluna do Conservatório local.

De regresso tivemos o cineasta FRANCISCO ROSAS que projetou o documentário CINE ESPERANÇA

Da diáspora brasileira Vilca Merízio e Ronaldo Pires divulgaram a açorianidade em Santa Catarina (Brasil) em sessões que trouxeram autores dos EUA E CANADÁ (Scott Edward Anderson, Eduardo Bettencourt Pinto, Susana L M Antunes) e o Diretor Regional das Comunidades, José Andrade.

Hilarino da Luz levou-nos à sua terra Cabo Verde e à obra da consagrada VERA DUARTE.

Encerrámos as sessões com dois recitais que foram um momento especial com sala cheia de público: com o guitarrista e compositor RAFAEL FRAGA (que regressou aos nossos colóquios pela primeira vez desde 2008), outro com o poeta e compositor ANÍBAL RAPOSO com Paulo Bettencourt que interpretaram várias poesias musicadas (muitas de Natália Correia).

Tal como em 2021 tivemos uma sessão dedicada ao candente tema da EDUCAÇÃO, e mantivemos a habitual sessão dedicada à Tradução. Na sessão de Educação, a Magnífica Reitora da Universidade dos Açores, Susana Mira Leal, presente na Sessão de Abertura, fez-se representar pelo seu Vice-Reitor Adolfo Fernando da Fonte Fialho.

O programa Açores Hoje dedicou cerca de 15 minutos a este colóquio e o programa Atlântida de Sidónio Bettencourt gravou vários intervenientes numa transmissão que ocorrerá dia 8 de outubro na RTP Açores. O TELEJORNAL local esteve na sessão de abertura dedicando-nos cerca de 3 minutos e depois desapareceu sem cobrir nenhum dos grandes eventos que ocorreram. No continente lusitano, como não éramos terramoto, nem furacão nem maremoto, fomos ignorados. Seis dezenas de oradores (um recorde absoluto de autores açorianos, açorianizados, etc.) preencheram estes seis dias quer falando das suas obras quer falando dos seus percursos pessoais e literários, mas a cidade candidata a Capital da Cultura 2027 (e fazemos parte da sua Comissão de Honra) estava, decerto, inebriada com os milhares de turistas de cruzeiros e outros que enchiam as ruas e restaurantes da urbe e nem se apercebeu da relevância deste evento.